

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

A FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS NA ARQUIDIOCESE
DE GOIÂNIA, APÓS A PROMULGAÇÃO DO CATECISMO DA IGREJA
CATÓLICA (1992 A 2009)

EDSON BENTO DOS SANTOS

GOIÂNIA

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

A FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS NA ARQUIDIOCESE
DE GOIÂNIA, APÓS A PROMULGAÇÃO DO CATECISMO NA IGREJA
CATÓLICA (1992 A 2009)

EDSON BENTO DOS SANTOS

Dissertação apresentada como requisito
para obtenção de Grau de mestre em
Ciências da Religião do Programa de Pós-
Graduação em Ciências da Religião da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientador: Dr. Valmor da Silva

GOIÂNIA

2011

S228f Santos, Edson Bento dos.

A formação de catequistas na Arquidiocese de Goiânia, após a promulgação do catecismo da Igreja Católica (1992 a 2009) / Edson Bento dos Santos. – 2011.

86 f.

Bibliografia: p. 84-86

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2011.

“Orientador: Dr. Valmor da Silva”.

1. Catequista – formação – Arquidiocese de Goiânia – 1992/2009. 2. Catecismo – Igreja Católica. 3. Igreja Católica. 4. Concílio Vaticano II. I. Silva, Valmor da. II. Título.

CDU: 268:282(817.3)(043.3)

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA
EM 14 DE MARÇO DE 2011 E APROVADA COM A NOTA 7,5 PELA BANCA
EXAMINADORA

1) Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás (Presidente) Valmor da Silva

2) Dr. Joel Antônio Ferreira / PUC Goiás (Membro) Ferreira

3) Dra. Maria da Conceição Silva / UFG (Membro) Maria da Conceição Silva

Este trabalho é dedicado a meus pais, Geraldo Bento dos Santos e Maria Emilia dos Santos, pela educação e humildade na paternidade que hoje sinto saudades profundas pelas suas ausências.

A minha família que é meu pilar de inspiração e confiança em especial as minhas duas filhas e minha esposa.

Primeiramente a Larissa Laisa dos Santos, filha que em muitos momentos tirei inspiração por sua voz linda e suave para poder continuar na solidão das leituras.

Depois, a Lanusse Laisa Agenora Santos, filha com jeito firme de ser, mostrando-me, como deve ser nas batalhas do saber com suas notas máximas ultrapassando o limite do normal.

E carinhosamente à minha tão grandiosa Maria, esposa de todas as horas, cúmplice de almas e sonhos, sócia na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, eu não chegaria tão longe, se não tivesse você meu amor.

Devo os meus agradecimentos a Deus, que me deu a graça e a perseverança de não desistir.

Ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião pela oportunidade concedida no processo seletivo com lisura e seriedade, demonstrando isenção através do corpo organizador.

Ao meu orientador Prof. Dr. Valmor da Silva que diante de vários momentos soube me orientar de forma precisa na elaboração deste trabalho, além disso, se tornou uma pessoa especial em minha vida.

A minha esposa Maria, minhas filhas, Larissa e Lanusse, e todos da minha família, sogra, sogro, irmãos, primos, sobrinhos, cunhados e cunhadas que tanto torceram pela minha vitória nesta caminhada tão árdua.

A todos colegas e estudantes do Mestrado que juntamente comigo puderam passar pela mesma experiência de estudar e desenvolver um trabalho e um resultado de toda uma formação teórica, além da grande amizade e preocupação de cada um para com a minha pessoa, agradeço a todos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da PUC – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Dr. Alberto da Silva Moreira, Dr^a. Carolina Teles Lemos, Dr. Haroldo Reimer, Dr^a. Irene Dias de Oliveira, Dr^a. Ivoni Richter Reimer, Dr. Joel Antonio Ferreira, Dr. José Carlos Avelino da Silva, Dr. Valmor da Silva, pela competência, pensamento científico, intelectualidade, ética, é a melhor expressão do pensamento de todos vocês, muito obrigado.

À Geyza Pereira, Secretária deste Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião, com sua presteza e competência nos atende com muita dedicação.

A Deus, por tudo e por todos!!!

*Estudar não é um ato de consumir
idéias, mas de criá-las e recriá-las.*

(Paulo Freire).

RESUMO

SANTOS, Edson Bento dos. *A formação de Catequistas na Arquidiocese de Goiânia, após a promulgação do catecismo da Igreja Católica (1992 a 2009)*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião pela PUC Goiás – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2011.

Neste trabalho de pesquisa, buscou-se analisar a formação de catequistas na Arquidiocese de Goiânia, no período de 1992 a 2009, considerado período pós promulgação do Catecismo e dos documentos orientadores da catequese da Igreja Católica. Dividida em três capítulos, esta dissertação traz no primeiro capítulo, uma síntese histórica da arquidiocese de Goiânia e seus Bispos, partindo dos elementos históricos da Arquidiocese desde sua fundação e a presença de seus três bispos. No segundo, a catequese e a comunidade, a formação de catequistas e a missão dos mesmos na Igreja, o Concílio Vaticano II e o Diretório Geral para a Catequese, além do referencial teórico, utilizando as pedagogias de Paulo Freire, valendo-se de clássicos da sociologia da religião particularmente Max Weber. No terceiro capítulo, trata-se das determinadas ações pedagógicas aplicadas na formação de catequistas na arquidiocese de Goiânia. Por fim, procurou-se comprovar a hipótese apresentada no projeto inicial. E foram consideradas as circunstâncias histórico-cultural e eclesial da Arquidiocese de Goiânia que influenciaram na formação e na manutenção da catequese de Goiânia.

Palavras-chave: Catequistas, Arquidiocese, Formação, Catecismo, Concílio Vaticano II.

ABSTRACT

SANTOS, Edson Bento dos. *The formation of catechists in the Archdiocese of Goiânia, after the promulgation of the Catechism of the Catholic Church (1992-2009)*. Dissertation in Religious Sciences from PUC Goiás - Pontifical Catholic University of Goiás, 2011.

In this research, we attempted to analyze the formation of catechists in the Archdiocese of Goiânia, in the period 1992 to 2009, considered the period after the promulgation of the Catechism and the documents guiding the catechism of the Catholic Church. Divided into three chapters, this work shows the first chapter, a historical overview of the Archdiocese of Goiânia and their bishops, from the legislative history of the Archdiocese since its founding and the presence of the three bishops. In the second, catechesis and community, the formation of catechists and the mission of those in the church, the Vatican II council and the General Directory for Catechesis, the theoretical framework using the pedagogies of Paulo Freire, worth of classics of the sociology of religion, particularly Max Weber. In the third chapter, it is of particular pedagogical practices applied in the formation of catechists in the Archdiocese of Goiânia. Finally we tried to prove the hypothesis presented in the initial design. And considering the circumstances and historical-cultural church of the Archdiocese of Goiânia influencing the formation and maintenance of the catechism of Goiânia.

Keywords: Catechist, Archdiocese, Training, Catechism, Vatican II.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto nº 01	Dom Fernando Gomes dos Santos.....	31
Foto nº 02	Dom Antonio Ribeiro de Oliveira.....	33
Foto nº 03	Dom Washington Cruz.....	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Resposta do Brasil à Carta Consulta da Fase antepreparatória...	49
Tabela 2 –	Participação geográfica dos membros das comissões conciliares.	49
Tabela 3 –	Participação de Membros Brasileiros.....	50
Tabela 4 –	Participação de Consultores Brasileiros.....	50
Tabela 5 –	Sacramentos da Lei de Deus.....	54

LISTA DE ABREVIATURAS

a.C.	antes de Cristo
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
C I C	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNPF	Comissão Nacional de Pastoral Familiar
CP	Carta Pastoral
CR	Catequese Renovada
d.C.	Depois de Cristo
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil
DGPC	Diretório Geral para a Catequese
DCER	Diretrizes Curriculares para o Ensino Religioso no Estado de Goiás
GRECAT	Grupo de Reflexão Catequética
IPEHBC	Instituto de Pesquisas Históricas do Brasil Central – PUC Goiás - Brasil.
DCER/GO	Diretrizes Curriculares para o Ensino Religioso no Estado de Goiás

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Marcos Históricos do Catolicismo.....	20
Quadro 2:	Datas pontuadas na vida de Dom Antônio Ribeiro de Oliveira.....	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
I CAPÍTULO HISTÓRICO EVOLUTIVO DA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA.....	20
1.1 Cronologia da Igreja Católica Apostólica Romana.....	20
1.2 Elementos históricos da Arquidiocese de Goiânia.....	23
1.3 A catequese na Arquidiocese de Goiânia.....	27
1.4 Os Arcebispos da Arquidiocese de Goiânia.....	31
1.4.1 Dom Fernando Gomes dos Santos.....	31
1.4.2 Dom Antonio Ribeiro de Oliveira.....	32
1.4.3 Dom Washington Cruz.....	35
1.5 A catequese no bispado de Dom Antonio Ribeiro de Oliveira, na Arquidiocese de Goiânia.....	37
1.5.1 Uma catequese libertadora no período Dom Antonio Ribeiro de Oliveira.....	39
1.5.2 A catequese no Bispado de Dom Washington Cruz e sua preocupação com a catequese na Arquidiocese de Goiânia.....	40
1.5.2.1 A criação do Vicariato para a Educação e Cultura.....	40
II CAPÍTULO HISTÓRICO DA CATEQUESE.....	42
2.1 A catequese e a comunidade na história da Igreja.....	43
2.2 O Primeiro ano catequético 1959.....	45
2.3 Concílio Vaticano II (1962-1965).....	47
2.4 Diretório Catequético Geral, 1971, de Paulo VI.....	51
2.5 A catequese renovada.....	52
2.5.1 A catequese renovada no Brasil.....	54
2.5.2 A catequese renovada em Goiânia.....	55
2.6 O anúncio do evangelho sob a orientação do DGPC 1992.....	56
2.6.1 Os desafios para a evangelização sob a orientação do DGPC 1992.....	57
2.6.2 O DGPC e a organização da Pastoral Catequética.....	57
2.6.3 A coordenação e as tarefas da catequese conforme DGPC.....	58
2.7 Catecismo da Igreja Católica.....	59
2.7.1 A elaboração de catecismos locais da Igreja católica.....	60
2.8 Dados documentais como subsídio catequético na arquidiocese de Goiânia.....	61

III CAPÍTULO	A PEGAGOGIA APLICADA NA FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS NA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA PÓS PROMULGAÇÃO DO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (1992).....	63
3.1	Dimensões sócio-transformadoras da catequese.....	64
3.2	Novas orientações para a catequese.....	65
3.3	Nova evangelização como fonte de Vida, Paz e Esperança..	68
3.4	Centralidade da Bíblia.....	70
3.4.1	A Bíblia do Cristianismo ao Catolicismo	71
3.5	O cristianismo no Brasil.....	72
3.6	A formação e a missão do catequista nas Igrejas De Goiânia.....	74
3.7	Dados documentais e bibliográficos, subsídio catequético na Arquidiocese de Goiânia Pós promulgação do catecismo da Igreja Católica (1992).....	76
3.7.1	Linhas orientadoras para a formação de catequistas na arquidiocese de Goiânia.....	79
	CONCLUSÃO.....	82
	REFERÊNCIAS.....	85

INTRODUÇÃO

A mobilidade urbana desafia a sensibilidade das ofertas de sentido configuradas pelas várias configurações religiosas, sobretudo as de matriz cristã. O presente trabalho “A Formação de Catequistas na Arquidiocese de Goiânia após a promulgação do catecismo na igreja católica (1992 a 2009), vislumbra a catequese como tema central por ser o veículo de convencimento da proposta cristã, e por perceber empiricamente sua fraqueza em persuadir o fiel a permanecer engajado nos serviços da Igreja Católica, ou seja, tais inquietações não somente de nós cidadãos comuns, mas, com comprovação da própria instituição quando propôs o ano catequético na compreensão da sociedade católica quanto à relação da pedagogia aplicada na formação de catequistas na arquidiocese de Goiânia e qual foi seu posicionamento quanto a essa formação.

A partir do Concílio Vaticano II, das conferências do episcopado latino-americano e caribenho e dos documentos publicados pela Igreja no Brasil, particularmente da Catequese renovada, orientação e conteúdos, inicia-se em 1983, uma catequese com o objetivo de caminhar a passos mais intensos e atuais. Isto pelo fato de que a pedagogia de tal proposta era de cunho libertário, buscando beber no carisma da própria oferta de sentido religiosa cristã: Jesus Cristo ressuscitado.

Neste cenário, o diretório Nacional de Catequese, aprovado pelos bispos do Brasil em 2005, reafirmou a proposta inicial valorizando a abordagem catecumenal, ou seja, de adultos. Logo, de acordo com as fontes documentais, que sustentam ao menos teoricamente as diretrizes pedagógicas da linha catequética proposta para o seguimento na formação dos catequistas, pretende-se durante o período pesquisado, analisar os catequistas e catequizandos, de modo a evidenciá-los como fonte de conhecimento e experiência em suas vivências de trabalhos bem como sua formação catequética na íntegra, ademais, possibilita a tomada de decisões no presente, para obtenção de melhores resultados no futuro, por esse motivo é considerado um recurso essencial aos mesmos.

Tal paradigma também pode enunciar outro aspecto que está contido numa resposta às dissidências provindas da própria configuração sociocultural, ou seja, não somente tendo como público alvo crianças, mas adultos na sua maioria.

Portanto, a escolha do tema está vinculada a mais um dos aspectos que reza o documento: Diretório Nacional de Catequese, que é ter a Bíblia sagrada como fonte de inspiração para todos e como manual principal para abordagem na catequese dentro de uma pedagogia catequética realizada no Brasil bem como em Goiânia, ademais, os catequistas almejam uma oportunidade de entender os fundamentos práticos à pedagogia aplicada e à formação destes catequistas no que tange aos ensinamentos de fé cristã, no entanto, é essencial evidenciar também a utilização de materiais próprios, criados através de estudo e sob a orientação leiga e religiosa de católicos com embasamento no catecismo da Igreja Católica e no Diretório Geral para a Catequese.

Por conseguinte, a arquidiocese dá ênfase na formação de catequistas, e acima de tudo formam os mesmos para o trabalho da evangelização católica.

Essa abordagem norteia a pesquisa do ponto de vista teórico-metodológico, logo, trata-se de um método do tipo pesquisa-ação de natureza exploratória, envolvendo levantamento de documentos junto à arquidiocese e de obras de referência na formação de catequistas tanto na arquidiocese como na igreja católica de uma maneira geral, e do ponto de vista dos procedimentos técnicos, arquivos relacionados, publicações direcionados na tentativa de demonstrar o processo de evangelização e entender que esta, seja a melhor condição para se atingir os objetivos do estudo aqui propostos.

O período selecionado para a pesquisa deu-se a partir de 1992, data em que a igreja católica em Goiânia estava sob a orientação dos arcebispos Dom Antonio Ribeiro de Oliveira e posteriormente Dom Washington Cruz.

Entretanto, o problema levantado por este estudo foi: até que ponto foi de fato repensado a pedagogia catequética em Goiânia e quando ela tornou-se mais bíblica e encarnada na realidade local, isto é, mantendo uma pedagogia libertária?

Assim sendo, será de suma importância a tentativa de se responder à hipótese de que o fato de que o levantamento de dados a partir desta pesquisa histórica, com relação à catequese na Arquidiocese de Goiânia, poderá propiciar uma chave interpretativa para algumas continuidades e discontinuidades no caminhar catequético de 1992 a 2009 e de que neste trabalho, possamos conhecer o itinerário histórico da catequese num âmbito mais amplo, para depois especificarmos uma análise local, ou seja, a proposta do tema que traz a

pedagogia, dinâmica e até mesmo, qual trajetória cada período traçou na formação dos catequistas.

Observamos nas campanhas das fraternidades instituídas pela igreja católica na sua forma geral e principalmente na programação geral da arquidiocese de Goiânia, buscando a interação dos catequistas junto à comunidade, onde fazem alianças de pensamentos e atividades desenvolvidas em torno da evangelização católica e, para tanto a participação dos catequistas no processo de evangelização conforme propõe o catecismo da igreja católica.

Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é: Avaliar se há ou não, falta de catequistas preparados para a pedagogia cristã, e se os mesmos estão preparados a levarem o conhecimento da fé cristã, porque foram ou não, formados e preparados para tal função de grande responsabilidade, para a vida cristã do catequizando.

E os específicos são:

- a) Analisar documentos da arquidiocese de arquivo da cúria metropolitana de Goiânia, no período de 1992 a 2009, sob a orientação dos arcebispos Dom Antonio Ribeiro de Oliveira e Dom Washington Cruz.
- b) Avaliar através das obras publicadas a pedagogia aplicada para a formação dos catequistas sob a orientação dos arcebispos.
- c) Por fim elaborar um relato histórico dos arcebispos, Dom Antonio Ribeiro e Dom Washington Cruz, e analisar o trabalho de alguns catequistas formados no período analisado, 1992 a 2009.

O trabalho encontra-se dividido de forma a abranger gradativamente a forma de catequização dentro das arquidioceses Brasileiras e especificamente na cúria metropolitana de Goiânia, com pequenas inferências à evangelização e sob a orientação dos arcebispos Dom Antonio Ribeiro de Oliveira e Dom Washington Cruz.

O primeiro capítulo busca dimensionar a realidade histórica da arquidiocese de Goiânia e seus três Bispos, não é a narrativa de dados detalhados, mas sim uma visão histórica e básica para a compreensão dos fatos como base de conhecimento histórico, partindo da situação histórica da Arquidiocese de Goiânia, da ação da igreja no período de sua criação e posteriormente, um breve histórico da vida e atividades dos arcebispos da Arquidiocese de Goiânia.

No segundo capítulo são demonstrados os elementos históricos da catequese de forma geral, como se deu sua pedagogia e a criação dos elementos de orientação pedagógica na formação de catequistas, também, os documentos e as condições para melhor se compreender quais olhares se devem ter em relação aos eixos da catequese na arquidiocese de Goiânia.

No terceiro capítulo aborda-se a pedagogia aplicada na formação dos catequistas após a promulgação do catecismo da Igreja Católica, sua metodologia, suas ações e o mapeamento das propostas dos documentos da CNBB no período de 1992, coincidindo com a promulgação do Catecismo da Igreja Católica até o ano de 2009, que foram tidos como anos Catequéticos Nacionais.

Neste sentido, o formato de normas e técnicas, dá um direcionamento nas semelhanças e contradições nas instituições educacionais, a pedagógica e a educativa que se afinam e concretizam os mesmos propósitos de orientação catequética.

I CAPÍTULO – HISTÓRICO EVOLUTIVO DA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA

Ao longo do histórico evolutivo da igreja católica no Estado de Goiás, compreendeu-se também a evolução da Arquidiocese de Goiânia, que, cresceu concomitantemente com o mesmo, porém de forma mais branda devido à necessidade de se adequar aos parâmetros socialmente impostos aos desafios apresentados no início da criação da Diocese em Goiás e posteriormente a Arquidiocese na capital metropolitana de Goiânia.

Neste cenário, a igreja institui-se como uma comunidade de fé, que, pelo batismo o indivíduo inicia sua vida cristã e conseqüentemente a eucaristia segue alimentando-a. Sendo assim, a igreja é o lugar em que se aprende a conhecer e a amar Jesus Cristo. Ademais, ela é profundamente maternal e por meio dela se recebe a vida divina, onde se deve amá-la como Jesus Cristo a amou.

A estrutura da Igreja Católica na Região Goiana aconteceu por fases, isto é, primeiramente criou-se a Diocese, posterior a Arquidiocese de Goiás, finalmente foi se estruturando e, por conseguinte chegou-se à estruturação da Arquidiocese de Goiânia.

1.1 – Cronologia da Igreja Católica Apostólica Romana

Arquivos da Arquidiocese de Goiânia relatam um breve histórico cronológico da Igreja Católica com datas e fatos ocorridos depois de Jesus Cristo, datas estas consideradas importantes para a Igreja Católica Apostólica Romana.

Quadro 1: Marcos Históricos do Catolicismo

Data	Fatos ocorridos
33 d.C.	Jesus Cristo é crucificado em Jerusalém e ressuscita, segundo os evangelhos.
49	É realizado o Concílio de Jerusalém, a primeira reunião de chefes da Igreja; reunidos na cidade sagrada, os apóstolos decidem se os cristãos vindos do paganismo teriam de ser circuncidados como os judeus para receberem o batismo.
64-67	Segundo a tradição, os apóstolos Pedro e Paulo são mortos na perseguição imposta aos cristãos por Nero, imperador romano; Pedro, primeiro bispo de Roma e, assim, primeiro papa, teria sido crucificado de cabeça para baixo. Paulo, degolado.
217	O sacerdote romano Hipólito torna-se o primeiro antipapa da

	história ao reivindicar o título contra Calisto 1º. Hipólito recusava a tese de que a Igreja poderia perdoar qualquer pecado.
300	É elaborada a primeira lei do celibato clerical no Concílio de Elvira (Espanha); o celibato não se estendeu a todo o clero porque o Concílio não era ecumênico.
313	O imperador Constantino 1º proclama o Edito de Milão, que estabelece a tolerância religiosa para o cristianismo dentro do Império Romano.
325	É realizado o Concílio de Nicéia (Turquia), primeiro Concílio ecumênico da Igreja, convocado pelo imperador Constantino. Trezentos bispos se reúnem para condenar o arianismo - heresia que nega a divindade de Jesus Cristo.
361	O imperador romano Juliano, "O Apóstata", converte-se ao paganismo, retoma práticas pagãs e volta a perseguir os cristãos.
381	O Concílio de Constantinopla - convocado para condenar de vez o arianismo - proclama o Credo, resumo da crença cristã repetido como oração até hoje.
476	Roma é tomada pelos visigodos; a parte oriental do império sobrevive como Império Bizantino. O ocidente, invadido por povos germânicos, se divide em vários reinos.
752	O papa Estevão 2º é eleito em 22 de março e morre quatro dias depois, antes mesmo de sua investidura. É registrado como o menor pontificado da história.
910	É fundado o mosteiro beneditino de Cluny, na Borgonha, que propaga um movimento de reforma da Igreja. De Cluny sairia o papa Gregório 7º, que consolidou o poder do papado.
1054	O "Cisma do Oriente" separa a igreja ocidental, de rito latino e que tem Roma como sede, da igreja oriental, de rito grego e ligado ao Império Bizantino.
1075	O papa Gregório 7º proíbe a investidura laica - nomeação de bispos pelo imperador. Tem início à disputa entre papas e imperadores conhecida como querela das investiduras.
1095	O papa Urbano 2º convoca a 1ª Cruzada no Sínodo de Clermont; os cavaleiros cruzados partiriam de todas as partes da Europa rumo à Terra Sagrada no ano seguinte e tomariam Jerusalém em 15 de julho de 1099.
1122	Em 11 de setembro, é firmada a Concordata de Worms - um acordo entre o papa Calisto 2º e Henrique 5º, imperador do Sacro Império Romano Germânico, sobre a questão das investiduras. Pela concordata, o papa nomeava os bispos e o imperador participava de nomeações por eleição em caso de empate.
1123	É realizado o 1º Concílio de Latrão - primeiro Concílio da Igreja no Ocidente - que aprova acordo sobre o fim das investiduras firmado em Worms no ano anterior; é o fim da Querela das Investiduras.
1229	Instalam-se a Inquisição para punir os hereges, os que, sem deixar a igreja, negam parte da doutrina. As regras processuais adotadas pelos tribunais da Inquisição disciplinavam o uso da tortura como meio de obtenção de confissão.
1309	Clemente 5º (eleito papa em 1305) muda a sede do papado de Roma para a cidade francesa de Avignon; uma série de papas

	franceses mantém a Igreja na cidade até 1376, quando o papa Gregório 11 volta a Roma.
1378	Os cardeais franceses, sediados em Avignon, elegem um antipapa (Clemente 7º) três meses depois de reconhecerem Urbano 6º como sucessor de Gregório 11; a Igreja ficou dividida entre Roma e Avignon até a eleição de Martinho 5º, em 1417.
1439	É eleito o último antipapa, Félix 5º, que exerce o poder em oposição ao papa "oficial" Eugênio 4º; diante de sua fraca influência, Félix 5º abdica em 1449.
1500	No dia 26 de abril, o frei Henrique Soares de Coimbra reza a primeira missa em solo brasileiro, no ilhéu de Coroa Vermelha (BA).
1517	Em 31 de outubro, Martinho Lutero publica na porta do castelo de Wittenberg as suas "95 Teses" condenando a venda de indulgências pela Igreja.
1521	Lutero é excomungado pelo papa Leão 10º que aponta 41 desvios doutrinários em seus ensinamentos. Príncipes alemães abraçam a reforma de Lutero, que se torna religião oficial do Estado alemão. É a primeira grande divisão da Igreja.
1534	Ignácio de Loyola funda a Companhia de Jesus, uma das mais importantes ordens religiosas; a ordem dos jesuítas só seria reconhecida pelo papa Paulo 3º, em 1540.
1534	O rei inglês Henrique 8º decreta o "Ato de Supremacia" e consolida a separação entre a igreja e o poder real inglês, dando origem à Igreja Anglicana.
1563	Termina o Concílio de Trento; convocado por insistência do imperador Carlos 5º para tentar reunificar a igreja, o Concílio consagra a contra-reforma, reafirmando com clareza as teses católicas condenadas por Lutero. O Concílio reforma a liturgia e promove a edição do primeiro catecismo católico.
1572	Na noite de 23 de agosto, cerca de 6.000 protestantes são mortos por católicos em Paris; o episódio se inscreve no período das "guerras de religião" e ficou conhecido como a "Noite de São Bartolomeu".
1846	Começa o pontificado do Papa Pio 9º - o mais longo dos pontificados da história da igreja - que durariam 31 anos e oito meses, até 1878.
1870	Termina o primeiro Concílio Vaticano, que define a infalibilidade do papa - prerrogativa de não errar em questões pertinentes à fé e à moral.
1870	O rei italiano Napoleão 3º é deposto, a Itália transforma-se em República e a Igreja tem parte de suas terras confiscadas; contrário ao movimento, o Papa Pio 9º confina-se no Vaticano e se diz "prisioneiro" do regime.
1891	O papa Leão 13 lança a encíclica "Rerum Novarum" ("Das Coisas Novas"); a encíclica dá as bases da doutrina social da igreja, condenando a luta de classes e propondo reformas sociais.
1903	Assume o Papa Pio 10º, que propõe reformas na música sacra e no Código de Direito Canônico. Foi canonizado em 1954.
1914	Com a morte de Pio 10º, é eleito o papa Bento 15. Teve seu

	pontificado marcado pela Primeira Guerra Mundial, da qual se manteve neutro.
1922	Pio 11º é o novo papa. Teve como programa promover a paz após a Primeira Guerra Mundial. Fica 17 anos no comando da Igreja.
1929	É criado o Estado do Vaticano; o Tratado de Latrão, firmado com o líder fascista italiano Benito Mussolini, encerra a "Questão Romana" - iniciada depois da unificação italiana -, indenizando a Igreja pelas terras anexadas e reconhecendo a sua soberania no Vaticano.
1939	Em setembro, Pio 12 já era o novo papa e propiciou asilo a mais de 5.000 judeus, vítimas da perseguição do governo alemão. Estoura a Segunda Guerra Mundial.
1956	A Arquidiocese de Goiânia foi criada pelo Santo Padre Pio XII, em 26 de março de 1956 e no dia 16 de junho de 1957, foi instalada pelo então Núncio Apostólico no Brasil, Dom Armando Lombardi, a Arquidiocese de Goiânia, em ato solene realizado na Praça da Catedral. Na mesma ocasião, tomou posse o 1º Arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos
1962	O Concílio Vaticano 2º, aberto pelo Papa João 23 (eleito em 1958), permite que o latim seja substituído por línguas locais nos cultos religiosos.
1963	O Papa Paulo 6º é eleito e é o primeiro papa a viajar para diferentes países. Ficou conhecido por ser fiel à tradição e ao mesmo tempo aberto ao desenvolvimento. Lançou a encíclica "Humanae Vitae", que condena controle artificial de natalidade.
1968	É exposta na Conferência de Medellín (Colômbia) a "Teologia da Libertação", conjunto de teses surgidas no seio da Igreja Católica que defende que a libertação do homem não pode se dar na miséria, daí a importância das transformações sociais e das lutas políticas.
1978	O papa João Paulo 1º morre depois de 33 dias no cargo. Um papa não-italiano é eleito pela primeira vez em 455 anos; aos 58 anos de idade, o polonês Karol Wojtyla assume em 16 de outubro e passa a ser chamado João Paulo 2º.
1984	Em 3 de setembro, o Vaticano condena trechos do livro "Igreja, Carisma e Poder", do brasileiro Leonardo Boff, um dos teóricos da Teologia da Libertação. Boff é obrigado a um ano de silêncio obsequioso.
1992	O Papa João Paulo 2º lança o Catecismo da Igreja Católica, o terceiro compêndio do catolicismo de toda a história. Em 1997, o Vaticano atualiza alguns pontos do Catecismo como o que torna mais restrita a aceitação da pena de morte.

Fonte: www.arquidiocesedegoiania.org.br, 2009.

1.2 - Elementos Históricos da Arquidiocese de Goiânia

A Arquidiocese de Goiânia foi criada pelo Santo Padre Pio XII, em 26 de março de 1956, através do documento pontifício (bula), *Santíssima Christi Voluntas*. Nessa data, Goiás constituía-se em um

só Estado, devido à junção de Goiás com Tocantins, entretanto o Distrito Federal também compõe o mesmo. (<http://www.paroquiabomjesus.org>).

Numa extensão tão grande havia apenas as seguintes circunscrições: Arquidiocese de Goiás, Diocese de Porto Nacional, Prelazias de Jataí, São José do Alto Tocantins, hoje Niquelândia, Ilha do Bananal e Tocantinópolis.

Em 1955, Dom Emanuel Gomes de Oliveira, Arcebispo de Goiás, convocou uma reunião destas Dioceses e Prelazias - a Província Eclesiástica de Goiás - para um estudo, com a finalidade de fazer uma revisão da divisão eclesiástica do Estado e oferecer à Santa Sé o pedido de reestruturação das dioceses, com a possível supressão de algumas e a criação de outras.

Contudo, Dom Emanuel não chegou a presidir esta reunião, pois faleceu dia 12 de maio daquele mesmo ano. A representação se deu através do Dom Abel Ribeiro Camelo, bispo auxiliar de Dom Emanuel, que foi eleito Vigário Capitular de Goiás onde manteve a convocação do referido Encontro.

Mediante nova estrutura, importa evidenciar que os bispos reunidos por ocasião do sepultamento do Arcebispo em Goiânia fizeram à solicitação de um plano e de um pedido, logo, a Santa Sé reorganizou-se integrando a nova estrutura e, assim dividiram as Dioceses do Estado:

- ✓ 1ª. Arquidiocese de Goiânia - sede da Província;
- ✓ 2ª. Dioceses: Goiás, Porto Nacional, Jataí e Uruaçu (com a extinção da Prelazia de São José do Tocantins);
- ✓ 3ª. Prelazias de Tocantinópolis, Cristalândia e Formosa (com a supressão da Prelazia da Ilha do Bananal).

Na capital do Estado de Goiás em 16 de junho de 1957, foi instalada pelo então Núncio Apostólico no Brasil, Dom Armando Lombardi, na Arquidiocese Goiana, em ato solene realizado na Praça da Catedral e na mesma ocasião, tomou posse o 1º Arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos, natural de Patos - PB, até então Bispo de Aracajú, Sergipe.

Nessa perspectiva, a fim de garantir uma nova e preciosa fase da Igreja Católica em Goiás, nota-se que os novos centros de irradiação da fé – (as dioceses), foram convocadas para uma outra realidade. Entretanto, com o início da construção de Brasília, alterou-se rapidamente a estrutura atual da região geográfica do Centro-Oeste brasileiro, especialmente no que tange ao

desenvolvimento e crescimento da então capital goiana, ocorreu de forma efetiva a partir da década de 1930, especialmente após a mudança da capital do Estado da cidade de Goiás para Goiânia, aliás, tal paradigma, nos traz consequências que até então não poderíamos prever, ou seja, reflexos positivos e negativos.

Importa ressaltar que, a nova capital exigia meios de comunicação, transporte, renovação de estruturas e formação de pessoal com o objetivo de estabelecer o intercâmbio entre o sertão de Goiás que foi se tornando centro administrativo e a realidade política do País.

Na primeira década do século XXI, Brasília tinha mais de 2 milhões de habitantes e a grande Goiânia abrigava um milhão e 500 mil habitantes, logo o cerrado se tornara representativo no cenário brasileiro, ou seja, de um deserto à transformação de enormes cidades.

Do mesmo modo, destacam-se as complexidades advindas desta transformação, que foram do carro de boi ao avião a jato, do correio no lombo do burro à era da Internet, ademais, a princípio não se tinha uma estrutura capaz de suportar tamanho crescimento, surgindo então, a construção de grandes rodovias, a criação de meios modernos de comunicação, um processo da urbanização que trouxe novas exigências de uma organização eclesial mais ágil para cumprir o mandato da evangelização.

Assim, com a transformação da região central do país, três homens da Igreja no Brasil se destacaram:

- Dom Hélder Câmara, então secretário geral da CNBB;
- Dom Armando Lombardi, núncio apostólico no Brasil, e;
- Dom Fernando Gomes dos Santos, Arcebispo de Goiânia.

Eles anteviram esta transformação rápida e procuraram preparar a Igreja do Centro-Oeste para responder aos novos desafios e, em 1958 a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – (CNBB) realizou em Goiânia sua Assembléia Geral, para que o Episcopado brasileiro conhecesse as obras de Brasília, uma nova fase do Brasil e puderam assumir essa hora histórica.

Outros desafios se apresentaram e realmente foi uma providência a vinda de Dom Fernando para Goiânia, homem de DEUS, inteligente, decidido, humilde, corajoso, zeloso e ainda jovem, porém, com grande capacidade de liderança, que assumiu a nova Arquidiocese convocando forças vivas que estavam dispersas,

unindo-as com o propósito de criar a mística da missão entre os cidadãos da capital do Estado.

Fato é que nas primeiras semanas em Goiânia, enquanto organizava a Cúria Metropolitana e retomava as obras da construção da Catedral, ele criou e instalou duas paróquias em Brasília: a primeira, Santa Cruz, no canteiro de obras do Plano Piloto; a segunda, São João Bosco, no acampamento dos operários, o Núcleo Bandeirante, onde confiou sua direção respectivamente aos Padres Estigmatinos e Salesianos.

Pelo exposto, sem deixar de visitar sua imensa Arquidiocese (107.000 km²) em Goiânia e renovar o entusiasmo dos padres, das religiosas e dos leigos, ele se fazia presente constantemente em Brasília, incentivando e apoiando as iniciativas de religiosos que iam chegando à nova capital brasileira. Por fim, colocou um Vigário Geral na Arquidiocese de Goiânia, lutou junto à Novacap (empresa pública que dirigia a construção de Brasília) e ao Governo Juscelino Kubistcheck para a reserva de terrenos delimitados às igrejas, às escolas e aos colégios católicos juntamente com a Santa Sé, apoiado pelo Episcopado brasileiro, alcançou a criação da Arquidiocese de Brasília.

A instalação da nova Arquidiocese em Brasília e a posse do 1º Arcebispo, Dom José Newton de Almeida Baptista, aconteceram dia 21 de abril de 1960, juntamente com a inauguração da nova capital brasileira, ou seja, Brasília.

Outros passos deste início trepidante foram se seguindo, Dom Fernando direcionou a Romaria do Divino Pai Eterno, confiada já aos Padres Redentoristas, a quem apoiou e orientou para que a vida das romarias se distinguisse da vida paroquial. E, assim, a pastoral do Santuário foi tomando feições novas de pastoral das Romarias.

Enquanto retomava as obras da construção do novo santuário, dinamizava o acabamento da Catedral de Goiânia, e levava avante a preparação de espaços físicos e a estruturação da Cúria Metropolitana, do Seminário da Arquidiocese e de um Centro de Formação e Treinamento de Líderes (hoje, Centro Pastoral Dom Fernando). Maior, porém, para a história de nossa Igreja, foi seu empenho evangelizador que dinamizou o Clero, realizando reuniões mensais (iniciadas em julho de 1957), estimulando a participação pastoral das religiosas e, acreditando nos leigos, reforçou a Ação Católica e as Associações Religiosas, logo criou a Obra

das Vocações Sacerdotais e despertou uma crescente consciência da identidade da nova Arquidiocese.

O saudoso Cônego Trindade costumava dizer: "Se Dom Emanuel foi o Arcebispo da instrução, Dom Fernando é o Arcebispo da Providência". Agora, em 2010, 40 anos depois, temos que reconhecer o acerto da afirmação.

Sem dúvida, neste esboço, será necessário destacar que, desde 1957, a Arquidiocese conta com a ação dos seus padres e que este presbitério diocesano e de vários Institutos Religiosos, é integrado por padres vindos de várias dioceses do exterior e do Brasil, numa grande diversidade de idades e de épocas de formação, trazendo sadio pluralismo e buscando, na espiritualidade e missão, uma grande e santa unidade. São eles, com o Bispo, o corpo de Pastores a quem o Senhor confia esta porção do Povo de Deus, a Igreja de Goiânia.

Aqui, a Arquidiocese tem a alegria de ver, na convergência de tantos ministros ordenados, como que um retrato de seu povo: Padres e pessoas distintas chegam de várias partes do Brasil e do mundo.

1.3 – A catequese na arquidiocese de Goiânia

Levando em consideração o crescente número de denominações religiosas no Brasil nas últimas décadas, evidenciou-se que os católicos despertaram para a busca de novas alternativas de se manifestarem os desejos de cristandade.

Louvores nas igrejas com a renovação carismática, grupos de jovens, encontros de casais, os chamados ministérios musicais e de louvores, cantores e grupos com apresentações na grande mídia televisiva, shows em todo o Brasil então o cenário em Goiânia não era diferente. Contudo, algumas igrejas com vertente predominantemente carismática com louvores e agrupamentos de pessoas nas missas chamadas de "SHOWMISSAS" também tinham seu espaço neste novo modelo de evangelização, que, em tempo não agradam em nada os tradicionalistas da igreja católica, porém, este fato não era significativo à cúpula da igreja católica nos dias atuais, que, até aceitavam pacificamente tais manifestações em algumas paróquias.

Também podemos evidenciar a Teologia da libertação, que direta ou indiretamente, influenciou a catequese no Brasil. Ademais, Goiânia não ficou de fora, trazendo em alguns grupos a consciência da renovação e a interpretação da

Bíblia bem como os direitos à liberdade de expressão e ao conhecimento das mudanças e sua adequação nos dias atuais.

Outros desafios se apresentam, mas, a formação dos leigos “catequistas” em algumas comunidades é iniciada, e, por falta de um planejamento eficaz com duração mínima para tal, apresentariam suas deficiências.

Tal paradigma que vem sendo evidenciado na vida religiosa nos mostra a realidade deficitária por falta de um planejamento eficaz, mas, apesar de tudo e mostrando alguma eficiência e competência, encontramos grupos inseridos em comunidades que estão sempre dispostos a levarem o conhecimento para todas as pessoas que se julgam participativas em meio católico, é o caso da internet que conta com muito material para estudo, com dinâmicas e ensinamentos para os catequistas.

Nesta perspectiva existem também, comunidades com poucos recursos econômicos e financeiros para a busca desses meios de comunicações, e mantidos os atuais padrões e deixando de lado algumas alternativas para levarem o conhecimento aos seus membros, dificulta a orientação destes novos catequistas.

A questão é que, conforme o documento da CNBB publicado no portal católico (via internet) desde que foi publicado, em 1992, o Catecismo da Igreja Católica tornou-se a referência obrigatória para as orientações sobre a catequese em toda a Igreja.

Em 1997, a Santa Sé publicou uma edição atualizada do Diretório Geral para a Catequese (de 1971), assimilando o Catecismo, além disso, o Diretório Geral tomou a configuração de um verdadeiro compêndio, ou manual de catequética, com um conjunto complexo de princípios, critérios e normas da Igreja para a ação catequética.

Para a América Latina, o Conselho Episcopal Latino-Americano – (CELAM) atualizou suas diretrizes e publicou, em 1999, um Diretório com o título *La catequesis en América Latina*, no mesmo documento o Diretório Geral para a Catequese - (DGPC) da CNBB vem com orientações desde 1971, para que as igrejas católicas no Brasil venham caminhar no trilho da renovação da catequese, propondo que este documento sirva como ponto de partida e referência para o conteúdo a ser aplicado bem como sua pedagogia e métodos.

O Diretório Geral para a Catequese publicado em 1992 após a aprovação e publicação definitiva do catecismo da igreja católica, e mesmo com a conservação do texto e estrutura do Diretório de 1971 foi apresentado com as seguintes exposições:

Uma exposição Introdutiva, na qual se oferecem orientações fundamentais para a interpretação e a compreensão das situações eclesiais, a partir da fé e da confiança na força da semente do Evangelho [...] a primeira parte é articulada em três capítulos e enraíza de forma mais acentuada a catequese na constituição conciliar *Dei verbum*, colocando-a no quadro da evangelização presente em *Evangelii Nuntiandi* e *Catechesi Tradendae*. Propõe, além disso, um esclarecimento da natureza da catequese, [...] a segunda parte consta de dois capítulos, no primeiro sob o título de “Normas e Critérios para a apresentação da mensagem evangélica na catequese”, com nova articulação e numa perspectiva enriquecida, reúnem-se, em sua totalidade, os conteúdos do capítulo correspondente do texto anterior. O Capítulo II, completamente novo, serve à apresentação do Catecismo da Igreja Católica como texto de referência para a transmissão da fé na catequese e para a redação dos Catecismos locais. O texto oferece também princípios básicos em vista da elaboração dos Catecismos para as Igrejas particulares e locais. A terceira parte mostra-se suficientemente renovada, formulando também as linhas essenciais de uma pedagogia da fé inspirada à pedagogia divina; uma questão, esta, que diz respeito tanto à teologia como às ciências humanas. Na quarta parte tem por título “Os destinatários da catequese”. Em cinco breves capítulos, se presta atenção às situações bastante diferentes das pessoas às quais se dirige a catequese, aos aspectos relativos à situação sociorreligiosa e, de modo especial, à questão da inculturação. Na quinta parte coloca como centro de gravitação a Igreja particular, que tem o dever primordial de promover, programar, supervisionar e coordenar toda a atividade catequética. Adquire um particular relevo a descrição dos respectivos papéis dos diversos agentes (que têm o seu ponto de referência sempre no Pastor da Igreja particular) e das exigências formativas em cada caso. E por fim a conclusão, que exorta a uma intensificação da ação catequética no nosso tempo, coroa a reflexão e as orientações com o apelo à confiança na ação do Espírito Santo e na eficácia da Palavra de Deus semeada no amor. (DGPC, 2009, p.27-28)

Com a publicação do novo Diretório para a Catequese, a igreja Católica direcionou a atenção para o ministério catequético, e com a pedagogia voltada para os ensinamentos apostos no Diretório com o objetivo de alcançar aos cristãos católicos, a nova orientação e nova forma de evangelização, evidenciou-se que não somente este Diretório era instrumento único para o processo de evangelização, bem como em 2005, Dom Washington Cruz já destacava a importância da educação cristã, e assumiria um compromisso claro com os valores que compõem

a mensagem evangélica como um projeto de vida, uma vez que o Diretório também era endereçado às igrejas particulares, cujas situações e necessidades pastorais são bem variadas em cada região.

Ao longo do século XX, o Magistério da Igreja dedicou-se com surpreendente persistência à reflexão acerca de uma educação centrada na concepção cristã do mundo e do ser humano. Vejamos algumas pontuações acerca dessa reflexão: A educação é uma dimensão fundamental da vida contemporânea. Constitui-se numa condição para ser pessoa humana na atualidade. Cresce a importância do conhecimento e da formação na vida das pessoas e das comunidades. A educação transforma-se em um processo constante e permanente de produção e assimilação de novos saberes, que abrem sempre o ser humano para novas possibilidades, sobretudo diante do complexo problema da exclusão social. Nessa realidade, o Concílio convida os cristãos a valorizarem sua tradição no campo da educação, destacando os traços mais característicos da sua identidade. “*O Elemento característico da Educação cristã é de gerar um ambiente pedagógico comunitário permeado pelo espírito evangélico de liberdade e caridade*”. Em dois importantes pronunciamentos sobre educação, João Paulo II retomou e ampliou esses pontos decisivos. Em discurso pronunciado no dia 5 de novembro de 1985, ao comemorar os 20 anos da *Gravissimum Educationis*, João Paulo II pediu que os cristãos, em sua ação educacional, que nunca separem o saber técnico e científico da valorização da vida em todas suas dimensões, inclusive a espiritual. [...] A educação cristã deve agregar valores ao conhecimento, ao saber científico e à produção tecnológica. (Carta pastoral, nº 4, 2005, p.8).

Educar de forma cristã continua Dom Washington Cruz, em sua carta pastoral nº 4 (2005), “não significa apenas ciência com eficácia, comporta também, assumir um compromisso claro com os valores humanos, e que compõem a mensagem evangélica como um projeto de vida cristã”.

Calcado no projeto de compromisso com as questões sociais, sob a orientação e inspiração da doutrina da Igreja Católica, e com o empenho dos Bispos da Arquidiocese de Goiânia, houve enorme empenho na formação de seminaristas através da criação de centros para formação, em Goiânia especialmente o atual instituto Santa Cruz que foi assumido pela província Eclesiástica de Goiânia. Alguns bispos de Goiás criaram o Seminário São João Maria Vianney de cunho interdiocesano.

A Arquidiocese também funciona o Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG), que oferece curso superior nas áreas de

Filosofia e Teologia a candidatos a presbíteros (religiosos e religiosas), a agentes de pastoral, leigos e leigas, a pensadores e pesquisadores. (CP, nº 4, p.19)

1.4 - Os Arcebispos da Arquidiocese de Goiânia

A Arquidiocese de Goiânia desde 1957, ocasião de sua fundação foi comandada por três arcebispos, iniciando pelo Arcebispo Dom Fernando Gomes dos Santos o ano de 1957, ficando no cargo até 1985, quando foi empossado o segundo arcebispo Dom Antonio Ribeiro de Oliveira ficando no cargo até 2002, quando passou o cargo para o atual arcebispo Dom Washington Cruz.

1.4.1 - Dom Fernando Gomes dos Santos

Foi o Primeiro arcebispo de Goiânia, no período de 1957 à 1985.

Foto nº 01: Dom Fernando Gomes dos Santos.



Fonte: www.arquidiocesedegoiania.org.br

Dom Fernando Gomes dos Santos nasceu no dia 04 de abril de 1910 na cidade de Patos na Paraíba, filho de Francisco Gomes dos Santos e Veneranda Gomes Lustosa. Deu testemunho, de compromisso com o homem e com a vida, com os direitos humanos e com a justiça. Lutou como homem do povo e homem da igreja por uma convivência social em que a exclusão de pessoas e de chamadas inteiras da sociedade cedesse lugar à participação, à fraternidade, à comunhão, ao bem-estar de todos e à paz.

Ingressou no seminário no ano de 1921, na capital da Paraíba, foi ordenado sacerdote em 01 de novembro de 1932 em Roma, logo, foi diretor do Colégio diocesano em Cajazeiras na Paraíba no ano de 1933. Foi também ordenado vigário

da Catedral de Cajazeiras no ano de 1936 e, em 1937, vigário em Patos também na Paraíba.

Quando completou 33 anos de idade, no dia 04 de abril de 1943, recebeu a sagração episcopal, Bispo de Penedo - Alagoas tornou-se o mais jovem membro do episcopado brasileiro, dom Fernando foi transferido no ano de 1949, assumiu a diocese de Aracaju, e promovido Arcebispo de Goiânia no dia 07 de março de 1957, tomando posse no dia 16 de junho do mesmo ano.

No ano de 1958 lançou a Revista da Arquidiocese que circula até hoje, criando no mesmo ano a Sociedade Goiana de Cultura com o objetivo de ser um centro avançado para o desenvolvimento, a educação, a cultura e o bem-estar em Goiás. Em 1959 criou a Universidade Católica de Goiás – (UCG), com o compromisso de colocar a ciência e a técnica a serviço da comunidade.

No ano de 1959 iniciou a experiência da reforma agrária na fazenda Conceição em Corumbá de Goiás, de propriedade da igreja e adquiriu a Rádio Difusora de Goiânia. De 1962 a 1965 participou de todas as sessões do Concílio Vaticano II e em 1968 foi delegado, eleito pela CNBB na II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín.

Confrontou-se com o regime militar e sofreu represálias, como invasão da catedral em 15 de setembro de 1968 e o impedimento de se pronunciar nos meios de comunicação, exceto na Rádio difusora, além disso, houve a suspensão da publicação da Revista Arquidiocese entre os anos 1973 a 1974. Celebrou a 1º de novembro de 1982, seu Jubileu de Ouro Sacerdotal. Na mesma data, os fiéis de Goiânia comemoraram, com seu Pastor, os 25 anos da Arquidiocese de Goiânia.

Dom Fernando Celebrou no dia 04 de abril de 1985, numa quinta-feira Santa, seu 75º aniversário de vida e o 42º de episcopado. Faleceu no dia 01 de junho de 1985 e sepultado no dia 03 de junho na Catedral Metropolitana de Goiânia.

1.4.2 - Dom Antonio Ribeiro de Oliveira

O Segundo arcebispo de Goiânia, atuou no período de 1985 a 2002, Dom Antonio Ribeiro de Oliveira nasceu em Orizónia - Goiás no dia dez de junho de mil novecentos e vinte e seis, filho de Luiza Marcelina de Castro e José Ribeiro de Oliveira.

Foto nº 02: Dom Antonio Ribeiro de Oliveira



Fonte: www.arquidiocesedegoiania.org.br

O segundo arcebispo de Goiânia cursou escola primária em Orizona Goiás e seminário de Mariana em Minas Gerais, fez o 2º grau no seminário Santa Cruz em Silvânia Goiás. Cursou filosofia no Seminário Central em Ipiranga São Paulo, durante os anos de 1943 a 1944, e Teologia no Seminário São José, em Mariana Minas Gerais nos anos de 1945 a 1948.

Foi ordenado sacerdote em 02 de abril de 1949 no município de Mariana estado de Minas Gerais, foi secretário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Goiânia-GO neste mesmo ano; Reitor e Professor do Seminário Santa Cruz, Silvânia - GO no período de 1950 a 1955; Vigário de Orizona - GO, professor no Colégio local de 1955 a 1957, pároco da Catedral de Goiânia-GO de 1957 a 1961; Vigário Geral da Arquidiocese de Goiânia-GO de 1958 a 1961. E, com ordenação Episcopal em 29 de outubro de 1961 em Goiânia estado de Goiás, tornando-se arcebispo de Goiânia em 30 de outubro de 1985 e renunciando em 08 de maio de 2002.

Seu reconhecimento se deu também através de várias representações no meio religioso, ou seja, foi Bispo Auxiliar de Goiânia-GO de 1961 a 1976; Administrador Apostólico de Goiás-GO de 1966 a 1967; Administrador Apostólico de Itumbiara-GO de 1972 a 1973; Membro da Comissão Representativa da CNBB; Membro da Comissão Episcopal para Traduções de Textos Litúrgicos; Membro do Conselho Estadual de Educação de Goiás; Padre Conciliar de 1962 a 1965; Bispo de Ipameri-GO de 1976 a 1986; Membro do Conselho Fiscal da CNBB por dois mandatos; Presidente do Regional de 1987 a 1991; Arcebispo de Goiânia de 1986 a 2002.

A oração Gratulatória na missa em comemoração aos 60 anos de ordenação sacerdotal de Dom Antonio foi celebrada no dia 02 de abril de 2009 na catedral metropolitana de Goiânia, fato é que a primeira semana de abril sempre foi motivo de muita importância para a arquidiocese da capital do Estado de Goiás.

No dia 04 de abril comemora-se o aniversário natalício e sagração episcopal do saudoso Dom Fernando, e o dia 2 de abril ficou também marcado pela celebração do aniversário de ordenação sacerdotal de Dom Antonio. No dia 2 do mesmo mês faz-se memória da páscoa do inesquecível Pastor Maior da Igreja Católica, o Papa João Paulo II, ademais, todas estas datas são marcantes para a caminhada destes mais de 50 anos da arquidiocese de Goiânia.

Dos 60 anos de comemoração sacerdotal, Dom Antonio Ribeiro viveu somente um quinto deste total de ordenação como simples Padre, os Outros quatro quintos, ele viveu no terceiro grau do Sacramento da Ordem. No ano de 1961, doze anos após receber a ordenação presbiteral, foi ordenado Bispo, aqui mesmo, na Catedral da arquidiocese de Goiânia.

Nos primeiros anos de padre, recebeu os títulos honoríficos de Cônego e Monsenhor. O primeiro lhe foi outorgado pelo bicentenário cabido da Sé Marianense, atendendo à solicitação do Arcebispo Dom Helvécio, como homenagem ao jovem Padre Goiano, ordenado por ele. O segundo título ele recebeu ao ser nomeado o primeiro vigário Geral da Arquidiocese de Goiânia. Neste exíguo período de doze anos, Pe. Antônio Ribeiro marcou forte presença nos últimos anos da extinta Arquidiocese de Goiás, pela qual foi ordenado padre. Logo depois da ordenação recebe a convocação para fazer parte da equipe que iria fundar a Faculdade de Filosofia de Goiás.

Por fim, importa evidenciar algumas publicações de Dom Antônio:

- Semana Santa sem Padre na Diocese de Ipameri;
- Carta Pastoral sobre Eleições - Ipameri;
- Artigos e Cartas Circulares em Goiânia;
- Pronunciamentos vários - Ipameri e Goiânia nos Arquivos da CNBB e publicações da arquidiocese.

Dom Antonio Ribeiro de Oliveira, sua apresentação desde o nascimento, sua vida sacerdotal e seu episcopado devem ser evidenciados, devido sua dedicação para com a extinta Arquidiocese de Goiás e também com a nova Arquidiocese de

Goiânia, seu afeto profundo torna-se tão importante conforme explicitação no quadro abaixo:

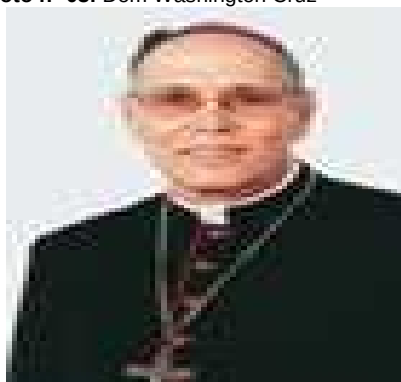
Quadro 2: Datas pontuadas na vida de Dom Antonio Ribeiro de Oliveira

1926	Nasce Antonio Ribeiro de Oliveira, aos 10 dias de junho, na cidade de Orizona, antigo Campo Formoso, estado de Goiás, filho de José Ribeiro de Oliveira e de D ^a Luiza Marcelina de Castro.
1936	Ingressa no seminário Preparatório “Jesus Adolescente”, em Silvânia, Antiga Bonfim - GO.
1938	Matricula-se no Seminário Menor de Mariana-MG.
1940	Transfere-se para o Seminário Santa Cruz, em Silvânia-GO.
1943	Inicia o curso de Filosofia, no seminário Central do Ipiranga, na Capital de São Paulo.
1945	Começa o curso de Teologia, no Seminário Maior São José, da Arquidiocese de Mariana, dia 2 de abril.
1949	Ordena-se padre a 2 de abril em Mariana-MG, e professor na Faculdade de Filosofia de Goiânia.
1950	Reitor do Seminário Menor de Santa Cruz, em Silvânia.
1955	Pároco da sua cidade natal, Orizona.
1957	Pároco da Catedral Metropolitana de Goiânia.
1958	Vigário Geral da Arquidiocese de Goiânia.
1961	Eleito Bispo Auxiliar de Goiânia no dia 25 de agosto. Recebe a Sagração Episcopal na Catedral de Goiânia no dia 29 de outubro.
1976	Eleito Bispo diocesano de Ipameri.
1985	No dia 23 de outubro de 1985, foi promovido Arcebispo de Goiânia.
1986	Toma posse como segundo Arcebispo de Goiânia dia 12 de janeiro de 1986.

Fonte: www.arquidiocesedegoiania.org.br, 2008.

1.4.3 - Dom Washington Cruz

O Terceiro e atual arcebispo de Goiânia atua desde 2002, Dom Washington Cruz nasceu em Itabuna - Bahia, no dia vinte e cinco de maio de um mil novecentos e quarenta e seis – 25/05/1946, filho de Dejanira Cruz e José.

Foto nº 03: Dom Washington Cruz

Fonte: www.arquidiocesedegoiania.org.br

Dom Washington Cruz cursou o primeiro grau em Itabuna – BA e Osasco - SP. O segundo grau fez no Seminário Passionista em Osasco São Paulo, cursou Filosofia na Universidade Lateranense em Roma - Itália em nível de Bacharelado e especialização em Licença em Teologia.

Foi Ordenado Padre em 25 de julho de 1971 em Itabuna – Bahia, foi Pároco em Itabuna e Salvador Bahia; Missionário Popular; Formador dos Seminários Maiores Passionistas; Coordenador do Zonal VI (Regional Pastoral da Cidade Baixa), Salvador-BA.

Bispo de São Luís de Montes Belos - GO no período de 1987 a 2002; Acompanhante da Pastoral da Juventude; Acompanhante da Comissão Regional do Clero; Membro da Comissão Episcopal do Seminário S. João M^a Vianney, de Goiânia-GO e do Regional Centro-Oeste; Presidente do Regional Centro-Oeste.

No dia 25 de fevereiro de 1987, o Papa João Paulo II o nomeou Bispo de São Luís de Montes Belos. Recebeu a ordenação episcopal no dia 9 de maio de 1987, em Salvador, das mãos de Dom Tomás Guilherme Murphy, Dom Estanislau Arnoldo Van Melis e de Dom Geraldo Claudio Luiz Micheletto Pellanda. E no dia 8 de maio de 2002, o Papa João Paulo II o nomeou Arcebispo de Goiânia.

Preocupou-se com a catequese, como fonte de evangelização, na sua carta pastoral nº. 6 de 2007, destacou a criação da escola diaconal Santo Estevão inaugurada com solene celebração eucarística na Catedral, no dia 26 de dezembro de 2006, festa dedicada ao diácono Santo Estevão.

Também criou e inaugurou a Escola de Ministérios. As escolas inauguradas por Dom Washington Cruz tiveram objetivos de aprofundar a participação dos leigos, leigas, nas funções proféticas. Através das escolas, a Arquidiocese de

Goiânia promoveu cursos específicos com o objetivo do exercício dos ministérios eclesiais de Base.

Dom Washington Cruz, através da carta pastoral nº 6 apresenta os eixos da Ação Evangelizadora na Arquidiocese de Goiânia.

[...] Arquidiocese bem cedo percebeu a importância da educação, da cultura e dos meios de comunicação para a evangelização e consolidação da fé. Em tempos de **profundas mudanças sociais, culturais e econômicas**, a Igreja em Goiânia continua sua atuação no mundo da educação, da cultura e da comunicação, por meio de seus Vicariatos ambientais para a Educação e Cultura e para a Comunicação, bem como de sua Universidade Católica, do Instituto de Filosofia e Teologia do Estado de Goiás – IFITEG, do Instituto Santa Cruz, das Escolas Católicas, da Rádio Difusora. (CP, Nº. 6, p.9).

1.5 – A catequese nos bispados de Dom Antônio Ribeiro de Oliveira e Dom Washington Cruz

A orientação catequética da igreja, em especial da Arquidiocese de Goiânia, foi de aproximar a tradição, adaptando-se às reformas que aconteceram a partir do Concílio Vaticano II.

Assim, Dom Antonio Ribeiro de Oliveira e Dom Washington Cruz atendem aos princípios da evangelização pelas ações teológicas, obedecendo à reforma litúrgica como diz na carta pastoral nº 6.

A reforma litúrgica, outro eixo da renovação da Igreja em Goiânia, deu-lhe a consciência de se assumir como comunidade orante, situando, progressivamente, a oração comunitária como autêntica oração da Igreja e foco inspirador da oração pessoal. No âmago dessa renovação litúrgica, está uma compreensão teológica atualizada do mistério da Igreja como povo sacerdotal e da Eucaristia como coração da Igreja. (CP, Nº 6, p.10).

Dom Antônio preocupou-se com a catequese, principalmente com ações nas comunidades, e associada a uma linha pastoral idêntica à de Dom Fernando, com ações nas comunidades de bases, ações essas com objetivo maior para os pobres e oprimidos, colocando a igreja a serviço desses, enquanto comunidade.

O Arcebispo Dom Antonio buscou com suas ações eclesiais, incentivar a participação de leigos e religiosos na luta pelos excluídos, mais ainda com seu processo de evangelizar com ações.

No estudo feito por Silva (2007), em sua dissertação de mestrado neste Programa Mestrado em Ciências da Religião – (PMCR), da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – (PUC – GO), descreve assim:

Dom Antonio incentivou a participação e o protagonismo dos leigos, respeitando as diferenças, inculturando o evangelho. Respeitou os movimentos, sem poupar críticas aos mesmos, quando se voltavam para si, esquecendo as dimensões da unidade e co-reponsabilidade eclesiais: Aqui Dom Antonio foi claro: disse que onde tinha a RCC, a gente respeitasse; mas onde não tinha, que não se criasse. Ao meu ver, era porque a Renovação Carismática Católica só quer saber de rezar e não assume nenhum trabalho pastoral concreto, de transformação da realidade. (SILVA, 2007, p.45)

A linha pastoral de Dom Antônio, buscou a evangelização, preocupando-se com a comunidade e desta forma sua linha catequética também teve como base as ações em comunidades bem como o seu testemunho pastoral. Pelo exposto, e na busca de ações evangelizadoras inicia-se na catequese e nas características da pedagogia libertadora e dos oprimidos com uma nova visão catequética.

O reconhecimento desta nova linha catequética se deu através dos primórdios visto que a bíblia sagrada relata e a Igreja Católica busca a boa nova do Reino de Deus, que anuncia a salvação e a mensagem de libertação, essa mensagem dirigida e recebida por Jesus Cristo de forma particularíssima aos pobres. A mensagem bíblica diz, “Bem - aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus! Bem-aventurados vós que agora tendes fome, porque sereis saciados! Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir”. (Bíblia Sagrada, Lc 6, 20-21).

Ainda conforme o Diretório Geral para a Catequese - (DGPC), evidenciaremos a importante missão na citação a seguir:

Como dimensão importante da sua missão, “a igreja tem o dever de anunciar a libertação de milhares de seres humanos, sendo muitos destes seus filhos espirituais; o dever de ajudar tal libertação a nascer, de dar testemunho em favor dela e de envidar esforços para que ela seja total”. (DGPC, 2009. p.116)

Do mesmo modo, Dom Washington Cruz também se preocupou com a catequese, principalmente com ações litúrgicas, com os ensinamentos e orientação do próprio Concílio Vaticano II sobre a participação ativa e plena do povo de Deus nas comunidades. Ele orienta para a participação e formação litúrgica dos

sacerdotes e leigos, com atenção especial em cumprimento às orientações do Concílio Vaticano II conforme sua preocupação em carta pastoral.

Nem sempre se entende corretamente o que ensina o Concílio Vaticano II sobre “*a participação Ativa, plena e frutuosa de todo o povo de Deus*” na celebração da Eucaristia. Esta participação muitas vezes é entendida como simples atividade externa durante a celebração, um simples “ativismo litúrgico”. Mas não é isso. A participação ativa está na união interior com Cristo. A participação litúrgica deve evitar modismos exagerados, tornando sacerdotes e leigos verdadeiros showmen, utilizando linguajares e posturas que nada guardam de relação com a serena profundidade que deve estar presente num ambiente celebrativo invadido pela presença da Santíssima Trindade. (CP, Nº 10, p.31).

1.5.1 - Uma catequese libertadora no período Dom Antônio Ribeiro de Oliveira

A linha pastoral de Dom Antônio conforme os registros da Arquidiocese foram de um bispado de evangelização pela luta dos excluídos e em favor dos pobres. Assim esse processo, inclui-se pela catequese como testemunho de vida e luta pelos pobres através de ações objetivando a transformação da realidade, pela unidade eclesial, comunhão e participação.

Neste sentido, Silva (2007) registra em sua dissertação de mestrado neste programa a evidencia dos principais feitos pastorais de Dom Antonio Ribeiro de Oliveira, como arcebispo, com ênfase na formação humana tendo como fundamentos básicos os seguintes:

“Acreditou, testemunhou, incentivou e investiu no modelo eclesial de CEBs, e na relação ‘Comunhão e Participação’ na Igreja. Quanto a esta, em todos os níveis: na base (era ele próprio o agente de pastoral, enquanto serviço presbiteral, junto à comunidade Santa Luzia, no Bairro Parque Real, periferia de Goiânia), nas paróquias, nas Regiões Pastorais, na Arquidiocese, na CNBB regional Centro Oeste e CNBB Nacional, além da Comunhão e Participação com a Sé Apostólica. Também respeitou, apoiou e incentivou muito a vida Religiosa Consagrada, especialmente as comunidades inseridas em meio às periferias da capital goiana e pequenas cidades pertencentes à Arquidiocese no interior do Estado. Por fim, implantou e solidificou uma coordenação da pastoral Arquidiocesana colegiada com representações de todas as forças vivas da igreja Particular, quer nas Regiões Pastorais, quer na própria Arquidiocese” (SILVA, 2007, p.45)

Do mesmo modo, pode-se perceber a participação de dom Antonio Ribeiro de Oliveira nas lutas sociais, bem como sua orientação no sentido de defender os

direitos humanos e nos direitos da vida, como princípio básico no processo de evangelização no período de seu bispado.

1.5.2 – A catequese no bispado de Dom Washington Cruz e sua preocupação com a Catequese na Arquidiocese de Goiânia

Nesta intenção, Dom Washington Cruz busca na orientação do Concílio Vaticano II uma participação dos fiéis por meio do silêncio e da reflexão pelo eixo da ação evangelizadora como ponto de partida, incluindo, a participação ativa da comunidade através dos membros do sacerdote, do catequista, do leigo e de forma geral, de toda a comunidade.

Uma participação ativa inclui a escuta atenta, respeitosa da Palavra de Deus, o silêncio, a meditação, a oração interior, uma apropriada participação no canto e nos gestos tradicionais. Cabe, sobretudo, a nós, sacerdotes, formarmos e formar os fiéis dentro desta visão conciliar da sagrada liturgia. Todo membro da Igreja tem necessidade de uma formação litúrgica permanente, de modo especial o diácono, o sacerdote e o bispo, por causa do seu papel específico. (CP Nº 10, p.31).

Ainda, de acordo com Dom Washington Cruz em suas cartas pastorais, o mesmo tem a preocupação na formação permanente, não somente dos seminaristas, sacerdotes, mas de formação de toda a comunidade, incluindo aqui os catequistas, que, por sua vez, possuem um papel muito importante na propagação do evangelho e da palavra de Deus conforme a orientação da Arquidiocese em consonância com o Concílio Vaticano II e o Catecismo da Igreja Católica.

1.5.2.1 - A criação do Vicariato para a Educação e Cultura no bispado de Dom Washington Cruz

Preocupados com a formação humana, principalmente no Brasil, senão falar em especial em Goiânia através de sua Arquidiocese, já em 2003 através das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – (DGAE), foi destacada em reunião dos Bispos do Brasil a importância da formação bem como a

criação das pastorais, urbana e da Educação e cultura, com a criação de estruturas eclesiais novas que atendam eficazmente à demanda da evangelização.

O Vicariato para a Educação e Cultura é estruturado pastoralmente em diaconias.

Todo mundo da educação, incluindo as escolas confessionais, a rede privada de ensino de modo geral, a rede pública de ensino, dos níveis fundamentais ao superior, integram o grande campo de missão e de presença articulada da Igreja, por meio da Diaconia para a Educação. (CP, nº 4, p.27).

Conclui-se que, cada Bispo (Dom Antonio Ribeiro de Oliveira e Dom Washington Cruz), apresentaram e executaram, seus planos de formação de catequistas na Arquidiocese de Goiânia, e principalmente com a ideologia e pedagogia voltadas para a teologia católica dentro do contexto das orientações do catecismo da Igreja Católica.

II CAPÍTULO – HISTÓRICO DA CATEQUESE

“É preciso ressaltar que o Ensino Religioso não deve ser confundido com doutrinação religiosa. Hoje, os especialistas em educação consideram que o Ensino Religioso contribui para construção de valores éticos e morais, indispensáveis para a formação de uma consciência cívica dos educandos. Em nossa sociedade, marcada ainda por condutas amorais, o Ensino Religioso pode se constituir em elemento capaz de contribuir para o exercício da solidariedade, da tolerância e do respeito mútuo em que devem se pautar as relações sociais”. (CARON, 1997, p. 47-8).

Contudo, o processo educativo, segundo Saviani (1991, p. 103) define a escola como “uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber elaborado, e não do saber espontâneo, do saber sistematizado e não do saber fragmentado, da cultura erudita e não da popular”. A propósito, ensinar não é uma tarefa fácil, na catequese não é diferente, e, buscando auxílio nas Celebrações das missas, percebe-se que as homilias¹ são na maioria das vezes partes da catequese, logo, em se considerando a origem do trabalho sacerdotal, Weber explica que:

O trabalho sacerdotal na sistematização da doutrina sagrada é alimentado constantemente por componentes novos que aparecem na prática profissional dos sacerdotes, em oposição à situação dos feiticeiros mágicos. Na religião congregacional ética surge o sermão como algo totalmente novo e a cura de almas, racional como algo substancialmente distinto do auxílio mágico em caso de necessidade. (WEBER, 2004, p. 318)

Assim, o fator ensino passa por várias etapas na vida e no processo pedagógico, desde a educação familiar até a socialização do ser humano, ensinar exige pesquisa e conhecimento, e, de acordo com Freire.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram no corpo do outro [...] pensar certo, em termos críticos, é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade que, tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa, transita da ingenuidade para o que vem chamado de curiosidade epistemológica [...] pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no

¹ **Homília** – É uma preleção dada por um sacerdote no decorrer de uma missa após a leitura do Antigo Testamento e do Novo Testamento, e antes da recitação do Credo. A homília tem a função de explicitar a fé o significado dos vários elementos litúrgicos, também em relação à situação dos presentes, para que o encontro dialogal com Deus se torne verdadeiramente consciente para todos e cada um. Na prática, a homília deve ser uma “conversa familiar” do homilista com o povo de Deus.

processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. (FREIRE, 1996, p. 29)

Para se fazer uma reflexão da Religião, o indivíduo ao formular conceitos básicos teológicos, bíblicos e sociológicos utilizando-se do indispensável suporte da bíblia para compreensão do sentido da religião, necessita de um bom planejamento, ou seja, um processo contínuo ao qual permite identificar pontos fortes que possam influenciar nos resultados, portanto, para caracterizar a situação em que se encontra a catequese atualmente, outros desafios que se apresentam para a compreensão captada pelos indivíduos, nos remetem à percepção de que também os sociólogos da Religião apresentam cotidianamente maior capacidade de contribuição devida suas obras importantes transmitindo-nos a idéia de que o fornecimento de conhecimento religioso permite a identificação de falhas e realmente contribui para a reflexão de cada indivíduo.

2.1 – A catequese e a comunidade na história da Igreja

A vivência fraterna na comunidade nos tempos dos Apóstolos celebrava principalmente na Ceia do Senhor, o momento mais alto na mensagem de vida do Cristo ressuscitado, momento esse que, é visto na catequese como primeira eucaristia, representada no livro de (Cor 11,17-29).

Neste contexto era na comunidade que se vivia à doutrina dos Apóstolos, seu ensinamento recebido do próprio Cristo que, pouco a pouco, foi sendo formulado nos símbolos da fé, e, sutilmente foi formando uma Catequese prolongada e organizada, que tinha como objetivo levar os convertidos à iniciação na vida cristã. Logo, a catequese introduzia progressivamente na participação da vida cristã dentro da comunidade.

Dentre outras, no século XX redescobriu-se na Catequese a importância fundamental da iniciação cristã e do lugar primordial que nela cabe à comunidade de fé, segundo relatos em documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – (CNBB) de nº. 26.

Por fim importa evidenciar que alguns elementos que culminaram para várias mudanças no comportamento da humanidade no século XX, principalmente pela massificação do consumismo, marcada também pelos ateísmos práticos, pela

libertinagem moral, violência coletiva, desigualdade social, por diversos tipos de neopaganismo, formas fanáticas e sectárias de religiosidade de origem recente e pelo indiferentismo religioso, precisará de um tipo de catequese que, além de uma sólida fundamentação da fé, seja capaz de ajudar o cristão a converter-se e a comprometer-se no seio de uma comunidade cristã e transformadora do mundo.

Também no Brasil, o movimento catequético foi impulsionado pela ação do Papa São Pio X e sua encíclica sobre a catequese, surgindo aí o Catecismo dos Bispos das Províncias Meridionais do Brasil no ano de 1905. (DOCS. DA CNBB, Nº 26, p.14).

Assim, num notável esforço de renovação, a catequese no Brasil passou por várias fases onde, sucessivamente, os acentos e as preocupações recaíam sobre o conteúdo, método, sujeito e mais recentemente, sobre o objetivo da catequese.

Na década de 40, diversos pioneiros se dedicaram ao trabalho de sistematização e adaptação da Catequese, é o caso de Mons. Álvaro Negromente, que criou e difundiu no Brasil o Chamado Método integral de catequese. Já nas décadas de 50 e 60 dentro dos secretariados nacionais e regionais de catequese e dos Institutos de Pastoral Catequética, surgem então o Concílio Vaticano II nos diversos níveis, com intuito de integrar a catequese no conjunto da renovação pastoral, a fim de pôr em prática os princípios e normas deste Concílio.

Diante desta nova realidade a Catequese passou pela própria exigência do tempo a realizar provavelmente por processo de valorização da aprendizagem individual, na qual não era tão grande a ligação com a comunidade.

Por conseguinte, vários fatores concorreram para que a catequese se concentrasse no aspecto da instrução, da preocupação com a clareza e da exatidão das formulações doutrinárias. Fatores estes advindos da descoberta da imprensa, da difusão das escolas e da influência do iluminismo, e, segundo o iluminismo a inteligência humana é devidamente instruída, e capaz de encontrar sozinha a solução de todos os problemas da humanidade.

Segundo Passos (1999), a catequese no Brasil passou por períodos diferentes e ao mesmo tempo por transmissão de fé igualitária, do ponto de vista teológico, no entanto houve no processo de educação da fé cristã, momentos particulares como mostram as diferentes fases:

- Uma catequese doméstica ou familiar feita dentro do lar;
- Outra, a catequese comunitária, e por fim;

- A catequese paroquial.

Assim, as diferentes fases são formas de transmitir fé, sobretudo, numa ação de conservação e fortalecimento da mesma, segundo confirmação em citação abaixo de Passos.

- A **catequese feita dentro do lar** foi à forma mais comum de transmitir a Fé. O catolicismo estava profundamente arraigado na nação portuguesa quando os conquistadores iniciaram a colonização da nova terra. Mediante os ensinamentos dos pais, e, sobretudo da mãe de família, a crença católica foi passando de geração pra geração. Embora as verdades religiosas não fossem transmitidas de forma sistemática, podem ser destacados três eixos básicos: o poder divino na criação do mundo, a pequenez do homem e a necessidade da intercessão dos santos.
- [...] A **catequese comunitária** de modo análogo ao que ocorria em nível familiar, também as próprias comunidades estabelecidas nos povoados, nas vilas e cidades, tanto do litoral como do interior, tinham um cuidado especial com a transmissão da fé católica herdada dos antepassados. Essa educação na crença religiosa era feita muito mais através de símbolos, imagens e ritos do que mediante uma pregação doutrinal teórica e sistemática. [...] O símbolo básico dessa identidade era a cruz.
- [...] A **catequese paroquial** em termos oficiais, a manutenção da fé católica, tanto no período colonial como no imperial, era da competência dos monarcas, em razão dos direitos de padroado a eles conferidos pela Santa Sé. Para facilitar a transmissão da fé, devia a Coroa realizar a organização eclesiástica, através da criação das paróquias e das dioceses. [...] Na perspectiva pastoral moderna, costuma-se fazer uma distinção entre evangelização e catequese, sendo o primeiro termo reservado para o primeiro anúncio da mensagem cristã e o segundo para a ação de conservação e fortalecimento da fé e no século XVI a palavra usada pelos missionários era “conversão” (PASSOS, 1999, p.16/27).

Pelo exposto, nota-se que dentre as características apontadas pela igreja como positivas está à inserção maior no conjunto de toda a pastoral, esta vem procurando tornar-se cada vez mais uma pastoral orgânica. Igualmente a apresentação da nova imagem da pessoa de Jesus Cristo e sua prática, da Igreja e do homem, a consideração da pessoa humana como um todo e a luta pela libertação integral do homem.

2.2 - O Primeiro ano Catequético 1959

Para evidenciarmos o início da catequese, lembramos sempre da primeira catequista por vocação que foi Maria, mãe de Jesus, o Filho de Deus, que dizia

sempre em seu momento de pureza “eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua Palavra” (Bíblia Sagrada, Lc 1, 38).

Mediante comunicado da CNBB (2009), importa ressaltar que, o primeiro ano catequético aconteceu em 1959, por sugestão do Eminentíssimo Cardeal D. Jaime Câmara, na época presidente da Conferência Nacional dos Bispos no Brasil que teve a sua culminância com a realização do Congresso Catequético Nacional em Belo Horizonte/MG nos dias 23 a 27 de fevereiro de 1959. Esta mesma iniciativa estendeu-se a todas as dioceses, precedida por tríduos catequéticos orantes nas paróquias e comunidades. Porém, não devemos nos esquecer que, fatos históricos comprovam a existência de uma catequização na época de Maria, mãe de Jesus que foi a principal representante catequista aos pés da cruz e oportunamente soube educar a comunidade dos discípulos no itinerário da fé. Além disso, ainda hoje, Maria é uma referência para os católicos, missionária, perseverante na fé, respondeu ao chamamento de Deus e não recusou nenhum sofrimento, respondeu ao grande chamado de seu Filho Jesus Cristo para a profecia.

Então, a fim de preservar a historicidade religiosa, o ano de 2009 foi intitulado como ano Catequético Nacional, aprovado na 44ª Assembléia Geral dos Bispos (2006), com o tema: “Catequese, caminho para o discipulado” e por lema: “Nosso coração arde quando ele fala, explica as escrituras e partem o pão”, que objetivou a consolidação da caminhada apontada para os dirigentes da igreja católica como luzes e pistas para os novos desafios da realidade cristã no Brasil.

Aliás, conforme documento da *Catequese Renovada* caracterizou-se o grande impulso em direção a uma catequese bíblica, cristocêntrica, centrada no princípio vida/fé e na formação de comunidades catequizadoras. Logo, foi muito bem operacionalizado pela CNBB, através de uma coordenação nacional. Neste contexto, com as inovações e realizações de encontros nacionais aconteceram:

- Em 1986, a 1ª Semana Brasileira de Catequese com o tema “Fé e Vida em Comunidade”, e;
- Em 2001, a 2ª Semana Brasileira de Catequese com o tema: “Com adultos, catequese adulta”. Estes dois eventos desdobraram-se em oito encontros nacionais.

Importante destacar que, dentro da Igreja católica o mês de agosto é um mês inteiramente dedicado às vocações, a saber:

- ✓ Dedica-se o primeiro domingo do mês às celebrações das vocações sacerdotais ou o dia do Padre;
- ✓ O segundo domingo para a vocação à família com o dia dos Pais;
- ✓ O terceiro domingo é dedicado às religiosos e religiosas, e;
- ✓ O quarto domingo é o dia das vocações leigas e dia do (a) Catequista. Portanto, no quarto e último domingo do mês de agosto é comemorado o dia do catequista.

2.3 - Concílio Vaticano II- (1962-1965)

Para Catão (1994), o Concílio Vaticano II no período de 1962 a 1965, propôs uma reformulação profunda na maneira de se encarar o papel da Igreja no mundo. Situou-a como povo de Deus em diálogo com o mundo, atribuindo à hierarquia um papel mais de serviço do que de dominação e de poder. Eram perspectivas novas, embora herdadas, de fato, das origens cristãs e do tempo em que a igreja vivia no mundo judaico e pagão, em que era até combatida ou desconhecida.

O Concílio iniciou-se com reuniões prévias, através de grupos de trabalhos com comissões destinadas para esse fim. Essas comissões realizavam trabalhos prévios de elaboração de textos para serem submetidos à aprovação do Concílio, e segundo Gonçalves & Bombonato (2004), “o regulamento conciliar era o que se poderia chamar de um Código do Concílio, pois estabelecia normas para o desenvolvimento do Concílio Vaticano II, composto por 3 partes, subdivididas em 24 capítulos e 70 artigos”.

Este regulamento tornou-se público em 05 de setembro de 1962, e foi composto por quatro períodos, a saber:

- **Primeiro período do Concílio** – A sessão pública de abertura do Concílio Vaticano II aconteceu no dia 11 de outubro de 1962. Participaram 2.540 padres conciliares com direito de voto na sessão de abertura – um número nunca antes alcançado. Este número sofrera alterações para mais e para menos, dependendo do período conciliar. João XXIII atravessou a porta de bronze, sendo levado pela cadeira gestatória até o ingresso da basílica de São Pedro.
- **Segundo período do Concílio** – [...] no dia 29 de setembro o papa elencou os objetivos do Concílio de maneira mais precisa que seu antecessor; 1) a exposição da doutrina na natureza da Igreja; 2) a reforma interna da Igreja; 3) a importância da unidade dos cristãos; 4) o diálogo da Igreja com o mundo

contemporâneo. A necessidade de expor a doutrina da natureza da igreja se faz importante, pois, além de se ter uma definição dada por ela sobre si mesma, teria também a compreensão do papel do episcopado e sua relação com o papa. Depois de sua santificação interna, e só depois disso, a igreja poderá mostrar seu rosto para o mundo inteiro afirmando: quem me vê, vê o Cristo.

- **O terceiro período do Concílio** – foi aberto no dia 14 de setembro de 1964 com uma missa concelebrada por 24 padres conciliares, a primeira concelebração durante o Concílio. Nesse período aconteceria a maior crise conciliar: A comissão de trabalho guiada pela comissão de coordenação havia desenvolvido seis esquemas que estariam nas próximas discussões: Igreja, episcopado, ecumenismo, [...] revelação, [...] apostolado dos leigos e a Igreja no mundo contemporâneo.
- **O quarto período e a conclusão do Concílio** – No dia 4 de janeiro de 1965, Paulo VI, que no início de dezembro havia participado do congresso eucarístico do Bombaim, fixou a data de 14 de setembro para o início do quarto período do Concílio.[...] Na abertura do quarto período, o papa surpreendeu o Concílio declarando que convocaria um sínodo episcopal, podendo assim colaborar com a igreja universal. A colaboração do episcopado será motivo de alegria para a Santa Sé e toda a Igreja, podendo ser útil ao trabalho cotidiano da Cúria Romana. No discurso ele afirmava que a Igreja não tem seu fim em si mesmo, mas está a serviço de todos. Deve fazer o Cristo chegar a todos os indivíduos e povos: essa é uma missão. (GONÇALVES & BOMBONATTO, 2004, p.32 - 59).

Do mesmo modo, o Concílio Vaticano II foi um evento importante no direcionamento da Igreja Católica, com início em 11 de outubro de 1962 e encerrado no dia 08 de dezembro de 1965, numa grande cerimônia na praça São Pedro onde foram lidas mensagens, em francês, para governantes, artistas, intelectuais, mulheres, pobres, doentes, trabalhadores e jovens, conforme afirmação de Gonçalves & Bombonato (2004, p. 63).

Por sua vez, durante o Concílio Vaticano II, vários países, reuniram-se com seus bispos na condição de membros e consultores para a elaboração do documento que mais tarde se tornaria a peça orientadora da igreja católica no mundo.

No Brasil, a carta consulta enviada pelo Papa João XXIII, teve o objetivo de uma consulta ampla e direcionada a 2.594 responsáveis por dioceses, prelazias e prefeituras apostólicas em todo o mundo, dentre estes, foram consultados 167 brasileiros que participaram e, dentre estes 132 enviaram respostas ao pontífice conforme tabela abaixo, evidenciada por Gonçalves, 2004:

Tabela 1: Resposta do Brasil à Carta consulta da fase antepreparatória

Bispos e prelados	Respostas/consultas	Percentual
Bispos residenciais	83 / 103	80,58%
Prelados Nullius	22 / 26	84,61%
Abades Nullius	1 / 1	100,00%
Total Parcial	106 / 130	81,50%
Núncio Apostólico	1 / 1	100,00%
Titulares	23 / 34	67,64%
Administradores apostólicos	2 / 2	100,00%
Total parcial	26 / 37	70,20%
Total Geral	132 / 167	79,00%

Fonte: Gonçalves, 2004, p.131

Neste contexto, importa evidenciar que essa carta consulta teve uma participação importante do episcopado brasileiro em relação ao restante do mundo, e, segundo autor referido no parágrafo anterior, esta participação do Brasil teve um percentual de 79% e o restante do mundo foi de 77%, então se concluiu que a participação brasileira foi muito significativa.

Logo, com a conclusão da fase de consultas e das fases antepreparatória e preparatória, Beozzo apud Gonçalves, (2004), reafirma que a participação do Brasil nas comissões da fase preparatória foi bem restrita conforme apresentação na tabela a seguir:

Tabela 2: Participação geográfica dos membros das comissões conciliares

CONTINENTES	INTEGRANTES	PERCENTUAL
Europa	636	75,09%
Estados Unidos (52) + Canadá (22)	74	8,77%
América Latina	52	6,13%
Ásia	52	6,13%
África	21	2,48%
Oceania	11	1,29%
TOTAL	847	100,00%

Fonte: Gonçalves, 2004, p.136

De acordo com a tabela anterior, fica evidenciado que a participação dos europeus foi significativa em relação aos outros países participantes, ademais, o Brasil levou 10 representantes dos 52 integrantes da América Latina e dentre estes 4 eram membros e 6 eram consultores.

Com isso, na participação geral o Brasil totalizou 1,18% dos integrantes totais da América Latina, ficando evidenciado nas tabelas 3 e 4 quais foram os membros e consultores participantes da elaboração do documento que mais tarde se tornaria a peça orientadora da igreja católica no mundo dentro do Concílio Vaticano II:

Tabela 3: Participação de Membros Brasileiros

1	Dom Jaime de Barros Câmara, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro (RJ), na comissão central e, dentro desta, na subcomissão do regulamento.
2	Dom Alfredo Vicente Scherer, arcebispo de Porto Alegre (RS), na Comissão Teológica.
3	Dom Antonio Alves de Siqueira, arcebispo auxiliar de São Paulo (SP), na Comissão da Disciplina dos Sacramentos.
4	Mons. Joaquim Nabuco, na Comissão Litúrgica.

Fonte: Gonçalves 2004 p.136.

Tabela 4: Participação de Consultores Brasileiros

1	Dom Helder Pessoa Câmara, arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro (RJ), na Comissão dos Bispos e do Governo das Dioceses.
2	Dom Geraldo Fernandes Bijos, bispo de Londrina (PR), na Comissão dos bispos e do Governo das Dioceses.
3	Dom Afonso M. Ungarelli, prelado <i>nullius</i> de Pinheiro (MA), na Comissão da disciplina dos Sacramentos.
4	Frei Boaventura Kloppenburg, ofm, na Comissão Teológica.
5	Padre Estevão Bentia, na Comissão das Igrejas Orientais.
6	Dom Jose Vicente Távora, bispo de Aracaju (SE), no secretariado da imprensa e do Espetáculo.

Fonte: Gonçalves 2004 p.137.

Portanto, como fonte de pesquisa e ensinamentos para toda a igreja católica, percebe-se a tendência teológica do Concílio Vaticano II, sendo um Concílio de evidentes preocupações pastorais. Conforme afirmam os estudiosos.

O Vaticano II, sendo um Concílio com clara preocupação pastoral, não deixa de ter preocupações teológicas, que transparecem em seus documentos. Pela proximidade da pastoral, essas posturas teológicas têm relação direta com a maneira de se pensar e organizar a igreja, mas nem por isso sua teologia será apenas eclesiológica. Entendendo a igreja, como continuadora da obra de Cristo, o Concílio necessariamente escrevera uma cristologia. [...] Visto assim, o Concílio Vaticano II coloca as vigas mestras que vão suportar a construção teológica da América Latina, teologia esta que continua vigorosa e que vai manifestando ao mundo a fé de seu povo sofrido e cheio de esperança. (GONÇALES, 2004, p.223)

E, de acordo com Passos (1999), uma das atividades mais importantes e sobre a orientação do Diretório Catequético conciliar, foi à catequese, para o processo de evangelização da fé cristã. O mesmo se referencia sobre o Diretório Catequético Conciliar da seguinte forma:

O Concílio afirmou claramente a importância da catequese em toda a pastoral da Igreja, como também afirmou que, entre os deveres do bispo ao anunciar a Palavra de Deus, a Catequese, juntamente com a pregação litúrgica, ocupa o primeiro lugar. (PASSOS, 1999, p.61)

2.4 - Diretório Catequético Geral, 1971, de Paulo VI

O Concílio Vaticano II, através de seu decreto *Christus Dominus* sobre os bispos, estabeleceu que: se publicasse um diretório sobre a catequese, tal Diretório Geral seria preparado no imediato pós-concílio e publicado posteriormente em 11 de abril de 1971.

O Diretório Geral para a Catequese - DGPC, (2009), afirma que, em sua introdução apresentam-se os princípios fundamentais teológicos e pastorais do magistério da igreja, e em especial do Concílio vaticano II com os quais se pode dirigir e orientar melhor a ação pastoral do ministério da palavra.

Por outro lado, de acordo com o DGPC, (2009, p.19), o papa João Paulo II aprovou definitivamente através de carta apostólica, o catecismo da igreja católica, que já havia sido publicado em 1992. Imediatamente em 18 de setembro de 1992

foi apresentado em Roma o Diretório Geral para a Catequese - DGC em substituição ao anterior Diretório Catequético Geral de 1971.

2.5 - A Catequese Renovada

Olhando os caminhos percorridos pela evangelização cristã, percebemos variadas formas de anúncio da boa nova. Nesta caminhada, a Catequese sempre esteve presente na educação da fé e com o passar dos tempos, houve mudanças, logo neste contexto podemos observar quatro fases com características próprias elencadas nos tópicos abaixo:

➤ Primeira fase: A profissão de fé

Contém uma oportuna síntese da fé professada pela Igreja Católica, retirada do Símbolo Apostólico ilustrado com o Niceno-Constantinopolitano, cuja constante proclamação nas assembléias cristãs mantém viva a memória das principais verdades da fé.

➤ Segunda fase: A celebração do mistério cristão

Apresenta os elementos essenciais da celebração. O anúncio do Evangelho encontra, de fato, a sua resposta privilegiada na vida sacramental. Nela, os fiéis experimentam e testemunham em cada momento de sua existência a eficácia do mistério pascal, por meio do qual Cristo realizou a obra da nossa salvação.

➤ Terceira fase: A vida em Cristo

Evoca o esforço que os batizados fazem para manifestar nos seus comportamentos e nas suas escolhas éticas a fidelidade à fé professada e celebrada. Os fiéis, de fato, são chamados pelo Senhor Jesus a realizar as obras próprias de sua dignidade de filhos do Pai na caridade do Espírito Santo.

➤ Quarta fase: A oração cristã

A exemplo de Jesus Cristo, o cristão é chamado ao diálogo com Deus através da oração, cuja expressão privilegiada é o Pai-nosso, oração ensinada pelo próprio Jesus.

Desde os primórdios evidencia-se que a primeira catequese significa iniciação à fé e a vida comunitária, entretanto, somente em 1983 foi publicado o documento 26 do episcopado brasileiro denominado de **Catequese Renovada** que catalisou e impulsionou as diversas iniciativas renovadoras no campo geral da catequese desde o início do movimento catequético brasileiro até a atualidade, dando grandes passos com a recepção e divulgação desse documento.

Todavia, importa demonstrar também que, desde 1950 já existiam reuniões regulares e, que a partir da existência do documento, tornaram-se mais numerosas, multiplicando-se, logo, este movimento desde 1983 evidenciou-se, mesmo assim, os temas nele tratados refletem a vontade dos agentes catequéticos considerando a educação por atividade de fé, respondendo assim, à altura das vontades e dos desafios da igreja católica.

Importa evidenciar que, devido à vontade dos agentes catequéticos, a partir da data de 1983 tivemos uma grande contribuição de um grupo nacional de reflexão catequética o grupo denominado: Grupo de Reflexão Catequética – GRECAT, pois direcionavam as reuniões mais frequentes dos coordenadores nacionais de catequese, com intuito de atenuar os desafios da igreja católica.

Portanto, um dos temas que vem merecendo muita atenção e reflexão da catequese no Brasil é a preocupação com os adultos. O assunto é tratado com muita ênfase nos documentos, sínodo² sobre a catequese em 1977 como a exortação apostólica de João Paulo II, n. 43, e o Diretório Geral para a Catequese (DGC, 1997, nº 59).

Nota-se que é preocupação da igreja católica, além de uma catequese tradicional como referência de catequese ao mundo das crianças, também a preocupação com os adolescentes e jovens, surgindo uma nova visão que se sobrepôs à catequese, cuja origem no cristianismo primitivo estava muito ligada ao mundo dos adultos.

A propósito, a formação de grupos como DGPC, foi muito importante para trazer uma formação para os novos catequistas, e em consequência disso, uma programação mais efetiva, ou seja, com, uma nova estrutura, a renovação catequética e pastoral, pré e principalmente pós-conciliar estiveram ligadas ao

² **Sínodo** - Segundo o Dicionário e gramática online da Priberam Informática, a palavra sínodo tem sua origem no idioma grego - *synodos* - e quer dizer "caminhar juntos". Em um sínodo diocesano, trata-se de uma "assembléia de eclesiásticos" e leigos "convocados pelo seu prelado ou outro superior" que se reúnem com o propósito de "caminhar juntos", seguindo um determinado plano.

mundo dos adultos, adotando-se uma pedagogia religiosa de adultos ou semelhantes na catequese renovada, conforme tabela abaixo que se referem as data importantes da catequese:

Tabela 5: Datas Importantes no processo da Catequese

1983	a) Primeiro ENC – estudo e operacionalização do documento CR b) Criação do GRECAT c) Valorização do dia do Catequista do Brasil
1985	a) Segundo encontro catequese e teologia da libertação, catequese e outras dimensões da pastoral b) Preparação da primeira semana brasileira de catequese
1986	a) Primeira semana Brasileira de catequese, fé e vida em comunidade, renovação da igreja e transformação da sociedade.
1987	a) Terceiro encontro catequese e diretrizes gerais da igreja no Brasil, formação de catequistas.
1989	a) Quarto encontro de formação de catequistas, mobilização catequética Nacional. b) Pesquisa sobre o crisma.
1991	a) Quinto encontro catequese e inculturação, culturas populares, religiosidade popular, simbolismo da casa da catequese construída sob quatro colunas. b) Catequese inculturada, catequese de adultos, leitura da realidade e Formação de catequistas, especialmente formação bíblica.
1994	a) Sexto encontro catequese para um mundo em mudança, a Bíblia diante dos novos desafios, catequese e cultura urbana, alteridade, diálogo e identidade.
1997	a) Sétimo encontro, a catequese rumo ao novo milênio, o hoje de Deus em nosso chão, espiritualidade do catequista, busca do sagrado, Bíblia e Catequese, bases para o diálogo, afetividade e catequese.

Fonte: Documento da CNBB, 2010.

Segundo Lima (apud PASSOS, 1999), a Catequese Renovada - CR é um documento oficial da Igreja no Brasil e sua gênese, aqui estudada, está fortemente ligada às decisões do episcopado. É também considerada a cartilha dos catequistas no Brasil e quase um Diretório Catequético.

2.5.1 – A Catequese Renovada no Brasil

O Documento nº 26 da CNBB “Catequese Renovada” foi apresentado a toda Igreja Católica no Brasil com o objetivo de aplicação de cursos para a formação de catequistas, e em Goiânia não foi diferente. A igreja manifesta sua preocupação através do interesse com o catequista, dando a esse indivíduo uma formação de humanização.

Hoje no Brasil não se sabe exatamente o número de catequistas, estima-se que exista um número por volta de 800 mil, portanto, nota-se que no Brasil mais de 60% dos catequistas são jovens, 95% são Leigos, 80% são Mulheres, conforme fonte da própria igreja. (Cadernos Catequéticos, nº. 4, p.5)

O Ministério da Catequese como é chamada a direção para formação e coordenação da catequese, propõe uma formação continuada e observa que, apesar da boa vontade, generosidade e disposição para a missão catequética, a maioria dos catequistas não possuem nenhuma formação, motivos pelo quais os jovens vêm buscando cada vez mais essa função dentro da Igreja, incentivados pela orientação vocacional.

Seguindo esse princípio, por sua vez, a missão da Igreja, é anunciar o Evangelho a todas as pessoas do mundo, mas em primeiro lugar, levar a Palavra de Deus aos seus, começando com seus membros mais próximos.

2.5.2 – A Catequese Renovada em Goiânia

A não justificação quanto ao número exato de catequistas no Brasil, também se dá na arquidiocese de Goiânia não sendo possível estimar nem mesmo o número de pessoas. Além disso, para ajudar na formação de catequistas é necessário o uso dos documentos da Igreja Católica, e na Arquidiocese de Goiânia não é diferente, pois são utilizados documentos para a formação de catequistas.

As principais características da Catequese Renovada, adotadas pela Igreja Católica no Brasil e em Goiânia são as seguintes:

- a) **A educação para a vivência da Fé** – Em vez de ensinar apenas a doutrina, o catequista orienta o catequizando para viver sua Fé no dia-a-dia.
- b) **Vivência da Fé em comunidade** – O catequista enviado pela comunidade, anima a comunhão e a participação. Por isso fala em nome da comunidade.
- c) **O processo permanente da educação da fé** – A catequese não se reduz à preparação das crianças para os sacramentos; acompanha toda a vida da pessoa.
- d) **Jesus Cristo é o centro da Catequese** – Todo ensinamento religioso conduz à conversão, ao seguimento e à opção por Jesus que nos revela o Pai, no Espírito Santo (Dimensão trinitária).
- e) **Ministério da Palavra** – A Bíblia é o principal texto da catequese. Os catequistas, procurando conhecer a viver a Palavra de Deus, serão os anunciadores desta Palavra como profetas, na força do Espírito Santo.
- f) **Formação da pedagogia Divina** – Deus se revela à humanidade através de palavras e acontecimentos, com paciência e respeito

pela caminhada do povo, com predileção pelos pobres, marginalizados e sofredores. O método da catequese deve ser o método de Deus.

- g) **Catequese transformadora e libertadora** – Ilumina a vida do povo, ajudando a encontrar as causas das injustiças e levando as pessoas a transformar essa situação, construindo uma sociedade fraterna e justa.
- h) **Catequese inculturada** – O Evangelho ilumina a cultura do povo e aproveita tudo o que ela tem de bom. Assume a linguagem, os símbolos e o jeito de ser e de viver do povo.
- i) **Fonte de espiritualidade** – A catequese celebra, reza e canta a vida e os acontecimentos na presença de Deus.
- j) **Interação Fé e Vida** – A vivência da Fé numa comunidade atuante nos faz ligados à vida e à realidade social, mesmo frente aos desafios das situações concretas e difíceis.
- k) **A catequese deve estar sempre presente nas outras pastorais** – Nas seis dimensões da Ação Pastoral da Igreja. (Cadernos catequéticos, nº. 4, p.5).

2.6 – O anúncio do evangelho sob a orientação do DGPC 1992

Com a aprovação definitiva do DGPC pelo papa João Paulo II, através de carta apostólica, o catecismo da igreja católica, que já havia sido publicado em 18 de setembro de 1992 foi apresentado em Roma o Diretório Geral para a Catequese - DGC, em substituição ao anterior Diretório Catequético Geral de 1971.

A igreja, através das ações de evangelização no mundo, adota uma renovação na catequese, com documentos e orientações dentro da contemporaneidade do mundo moderno e na ação da comunicação, com a plenitude dos meios da salvação, dinamizando o processo evangelizador, com a aplicação do DGPC de 1992. Não menos importante, devemos mencionar que a igreja também continua a semear o Evangelho de Jesus no campo de Deus com a participação dos cristãos renovados pela fé cristã.

Na aplicação do DGPC à catequese, muitos estudiosos e catequistas ficam preocupados com o que concerne à pedagogia aplicada nas catequese, conforme preocupação evidente no documento abaixo.

No que concerne à pedagogia, após uma excessiva acentuação do valor do método e das técnicas, por parte de alguns, ainda não se presta a devida atenção às exigências e à originalidade da pedagogia própria da fé. Cai-se facilmente no dualismo “conceito método”, com reducionismos num sentido ou no outro. No que diz respeito à dimensão pedagógica, não se exercitou sempre o

necessário discernimento teológico. No que concerne à diferença das culturas em relação ao serviço da fé, constitui um problema saber transmitir o Evangelho no limite do horizonte cultural dos povos aos quais se dirige, de modo que ele possa ser apreendido realmente como uma grande notícia para a vida das pessoas e da sociedade. A formação para o apostolado e para a missão é uma das tarefas principais da catequese. No entanto, enquanto na atividade catequética cresce uma nova sensibilidade em formar os fiéis leigos para o testemunho cristão, para o diálogo inter-religioso e para o compromisso secular, a educação para a dimensão missionária *ad gentes* mostra-se ainda fraca e inadequada com frequência, a catequese ordinária reserva às missões uma atenção marginal e não constante. (DGPC, 2009, p.43-44)

2.6.1 – Os desafios para a evangelização sob a orientação do DGPC 1992

Com a base do DGPC aplicada na Catequese a igreja se viu no dever de cumprir através de seus membros, padres, religiosos, leigos e membros da sociedade, a condição de semeador, porém, percebeu-se alguns desafios que surgiriam pela frente, relatados no próprio documento Diretório Geral para a Catequese.

A Catequese deve se apresentar como um válido serviço à evangelização da Igreja, com uma acentuada característica missionária; Ela deve se dirigir aos seus destinatários privilegiados, como foram e continuam a ser as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos a partir, sobretudo, dos primeiros; Seguindo o exemplo da catequese patrística, ela deve plasmar a personalidade daquele que crê e, portanto, deve ser uma verdadeira e própria escola de pedagogia cristã; Deve anunciar os mistérios essenciais do cristianismo, promovendo a experiência trinitária da vida em Cristo como centro da vida de fé; Deve considerar como tarefa prioritária a preparação e a formação de catequistas de fé profunda. (DGPC, 2009, p.45)

2.6.2 – O DGPC e a organização da Pastoral Catequética

O Diretório Geral para a Catequese veio mostrar através da linguagem pedagógica o modelo a ser aplicado no dia a dia da catequese em todas as Igrejas Particulares, visto que a catequese é uma atividade importantíssima na vida das mesmas, relata o próprio documento que, nenhuma Diocese pode prescindir do próprio departamento de catequese. Por conseguinte no processo de organização

da pastoral catequética foi possível evidenciar as principais tarefas do secretariado diocesano, a saber:

- 1) Fazer uma análise da situação diocesana acerca da educação na fé. Nessa análise, seria útil precisar, entre outras coisas, as reais necessidades da diocese em relação à praxe catequética.
- 2) Elaborar um programa de ação que indique objetivos claros proponha orientações e mostre ações concretas.
- 3) Promover e formar os catequistas. Com esta finalidade, serão instituídos os Centros que foram julgados mais oportunos.
- 4) Elaborar, ou pelo menos indicar às paróquias e aos catequistas, os instrumentos necessários para o trabalho catequético: Catecismos, diretórios, programas para as diferentes idades, guias para os catequistas, material para os catequizandos, meios audiovisuais, entre outros.
- 5) Incentivar e promover as instituições propriamente catequéticas da diocese (*catecumenato batismal, catequese paroquial, grupo de responsáveis pela catequese*), que são como as “células básicas”, da atividade catequética.
- 6) Dar especial atenção, sobretudo, ao aprimoramento dos recursos pessoais e materiais, tanto no nível diocesano quanto no paroquial, ou de vicariatos forâneos.
- 7) Colaborar com o Departamento encarregado da liturgia, considerando a importância essencial desta para a catequese, em particular para a catequese catecumental de iniciação. (DGPC, 2009, p. 261-262)

2.6.3 – A Coordenação e as Tarefas da Catequese conforme DGPC

De acordo com o Concílio Vaticano II, é recomendável que pastoral seja coordenada para um melhor desenvolvimento de suas atividades, e na catequese não é diferente, a ação evangelizadora deve ser coordenada visando à unidade da fé sustentando as ações da igreja, logo, esta ação deve ter as seguintes atividades;

A coordenação interna da Catequese, a fim de que a igreja particular ofereça um serviço de catequese unitário e coerente. A união entre a atividade missionária e a ação catecumental, que se implicam mutuamente, no contexto da missão *ad gentes* ou de uma nova evangelização. A necessidade de uma pastoral de educação bem coordenada, diante da multiplicidade de educadores que se dirigem aos mesmos destinatários, sobretudo se esses destinatários são crianças e adolescentes. (DGPC, 2009 p.266)

Seguindo a mesma linha de pesquisa e raciocínio, a igreja Católica, através de seus princípios e normas de atividades, e em consonância com o Diretório Geral para Catequese de 1992, vem organizando algumas tarefas, logo, se aplicam

normas enumeradas pelo próprio DGPC, e assim, fica evidente a forma de aplicação descentralizada nas paróquias e comunidades.

Assim, conforme relatos do DGPC acontece uma análise da situação e das necessidades de cada comunidade em particular, após esta análise projeta-se o programa de ação e orientações catequéticas com a elaboração de instrumentos e meios didáticos para a ação catequética.

2.7 - Catecismo da Igreja Católica

Em 1985 iniciava-se a elaboração do Catecismo da Igreja Católica, que foi pedido pela Assembléia Extraordinária do Sínodo dos Bispos, na ocasião do vigésimo aniversário da conclusão do Concílio Ecumênico Vaticano II, promulgado em 1992, pelo Papa João Paulo II. (COMPÊNDIO DO CATECISMO, 2005, p.9).

Entretanto, de acordo com a gestação do Catecismo da Igreja Católica, o processo de consulta sobre temas relevantes se deu através de:

- a) Jesus Cristo
- b) Igreja
- c) Pastoral
- d) Vida e Fé
- e) Ação transformadora da igreja e outros.

Neste cenário, no dia 11 de outubro de 1992, o Papa João Paulo II entregava aos fiéis de todo o mundo o Catecismo da Igreja Católica, apresentando-o como “texto de referência” para uma catequese renovada nas fontes da fé. Isso acontecia vinte anos depois do Concílio Vaticano II que resultou no período de 1962 a 1965, então, foi assim levado à feliz realização o desejo expresso, que, em 1985 pela Assembléia Extraordinária do Sínodo dos Bispos, fosse composto um catecismo de toda a doutrina católica, quer para a fé, quer para a moral.

Mais tarde, no dia 15 de agosto de 1997, foi publicada a edição típica do *Catecismo da Igreja Católica*. O Sumo Pontífice confirmava a finalidade fundamental da obra, ou seja, finalidade de ser uma exposição completa e íntegra da doutrina católica, que dá a todos, possibilidade de conhecer aquilo que a Igreja mesma professa, celebra, vive, prega na sua vida cotidiana. (COMPÊNDIO DO CATECISMO, 2005, p.13).

João Paulo II também instituiu em 2003 uma comissão especial presidida pelo *Joseph Ratzinger*, atual Papa Bento XVI, na época, intitulado prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, com o objetivo principal de elaboração de um Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, que viesse a ser uma formulação mais simples e sintética dos mesmos conteúdos da fé cristã católica.

Ademais, depois de dois anos de trabalho, foi preparado um projeto de Compêndio e enviado para a consulta aos Cardeais e Presidentes das Conferências Episcopais. O projeto, no seu conjunto, teve a avaliação positiva da maioria absoluta daqueles que responderam. A comissão passou, portanto, à revisão do citado projeto e, levando em conta as propostas para o seu aperfeiçoamento, completou a elaboração da obra.

Considerado uma síntese do Catecismo da Igreja Católica, o compêndio do Catecismo tem três características básicas que são:

- a) A estreita dependência do Catecismo da Igreja Católica;
- b) O gênero dialógico;
- c) A utilização de imagens na catequese.

O Compêndio tem por maior objetivo despertar um renovado interesse e fervor para o Catecismo, quer com a sua sabedoria expositiva, ou com a sua união espiritual.

Assim como o Catecismo, também o Compêndio se articula em quatro partes, em correspondência com as leis fundamentais da vida em Cristo.

2.7.1 – A elaboração de Catecismos locais da Igreja Católica

O catecismo é um documento particular da Igreja Católica, e sua publicação é de responsabilidade do episcopado. O DGPC (2009) determina que os Catecismos nacionais, regionais ou diocesanos, elaborados com a participação dos agentes da catequese, são responsabilidades últimas dos Bispos, catequistas por excelência nas Igrejas particulares.

Na redação de um catecismo, é necessário levar em consideração, sobretudo, os dois critérios a seguir:

- a) a perfeita sintonia com o Catecismo da Igreja Católica
- b) [...] a atenta consideração das normas e dos critérios para a apresentação da mensagem evangélica, oferecidos pelo Diretório

Geral para a Catequese, este também “referência obrigatória” para a catequese. (DGPC, 2009, p.275)

Portanto, conforme a CNBB e a Diocese o catecismo na Arquidiocese de Goiânia tem a possibilidade de agir conforme necessidade da região, porém sob os critérios e orientação da igreja mãe, ou seja, conforme igreja católica determina.

Na arquidiocese de Goiânia, não encontrado nenhum documento ou orientação particular da arquidiocese na formulação de um catecismo local.

No entanto todas as orientações na formação de catequistas na arquidiocese de Goiânia, tem por fundamento e base principal, o Catecismo Geral da Igreja Católica em sintonia com o DGPC. Vale lembrar o trabalho de algumas paróquias, sob a orientação da arquidiocese e da CNBB, no sentido de nortear a formação dos catequistas com base nos documentos da igreja, pautados pelos ditos do catecismo da igreja católica.

2.8 Dados históricos como subsídio catequético na Arquidiocese de Goiânia

Com a transição e as mudanças realizadas na cúpula diretiva da igreja católica na arquidiocese de Goiânia nos anos de 2002 a 2007, mudou também o comportamento nas decisões regionais com alterações nos grupos de leigos atuantes nas paróquias em Goiânia.

A história da catequese em Goiânia é a mesma de toda igreja católica, prendendo-se às origens da Igreja, porém havendo a renovação catequética conforme consta no catecismo da Igreja Católica, que traz orientações da igreja no sentido de aplicar uma catequese que vem de encontro com a realidade das comunidades.

É fato que a catequese na arquidiocese de Goiânia foi elaborada e assistida por leigos no decorrer de sua existência, nos últimos anos, especificamente de 1992 até 2009, com as mudanças no comportamento humano, bem como nos sistemas de informações através dos processos de globalização, houve a necessidade de formação dos catequistas para aquela realidade.

Nos registros da igreja católica, especialmente na arquidiocese em questão, a catequese segue o formato com ensinamentos básicos, tendo por base a Bíblia Sagrada e em especial a Bíblia edição pastoral ou Ave Maria.

Evidenciou-se também, que, em 1992 foi promulgado o Catecismo da Igreja Católica, através do COMPÊNDIO, uma síntese fiel e segura do catecismo, contém de forma concisa, todos os elementos essenciais e fundamentais da fé da Igreja, que dá a possibilidade às pessoas, crentes e não-crentes, de abarcarem, numa visão de conjunto, o panorama inteiro da Fé católica.

III CAPÍTULO - A PEGAGOGIA APLICADA NA FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS NA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA PÓS PROMULGAÇÃO DO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (1992)

A presente pesquisa procurou promover uma efetiva busca de informações sobre os assuntos da catequese no Brasil, em especial e mais especificamente na Arquidiocese de Goiânia, com o objetivo específico da formação de catequistas, utilizando da interdisciplinaridade e as ciências da religião como orientação e direção a esta pesquisa, argumentar de forma simples, porém objetiva o processo da formação de catequistas exercida pela orientação da direção da igreja católica de Goiânia para a promoção da vida humana como proposta final.

Aliás, com a necessidade de renovar os ensinamentos e aperfeiçoamento dos catequistas, a Conferência dos Bispos do Brasil, motivada pelo decreto *Christus Dominus* sobre os Bispos, instituído pelo Concílio Vaticano II, estabeleceu que se publicasse um diretório sobre a catequese, assim procedendo à aprovação do documento nº 26 da CNBB: *Catequese renovada orientações e conteúdo (CR)*.

Este documento é considerado o mais importante documento catequético brasileiro, tornando-se a cartilha dos nossos catequistas. Seu processo de criação e aprovação representa um dos momentos mais vibrantes e fecundos do movimento catequético brasileiro, quer pelas pessoas envolvidas, quer pela produção dos mais diversos tipos de estudos e profundidade da reflexão.

A renovação atual da Catequese nasceu para responder aos desafios de uma nova situação histórica. Esta exige a formação de uma comunidade cristã missionária que anuncie na sua autenticidade, o evangelho e o torne fermento de comunhão e participação na sociedade e de libertação integral do Homem. (DOCS. DA CNBB, Nº 26, 2009, p.18).

Os instrumentos catequéticos da igreja católica levaram a CNBB Conferência Nacional dos Bispos do Brasil a seguir ao Concílio Vaticano II, trazendo para o meio dos ensinamentos uma pedagogia da catequese renovada e humanista assim como dizem alguns estudiosos do assunto.

O processo de aprendizagem parte do aluno, entendido como um ser livre, ativo, social e curioso. O aluno é o centro do processo ensino-aprendizagem e o professor o facilitador [...] é a experiência

peçoal e subjetiva que fundamenta a construção do conhecimento abstrato. (SILVA, 2008, p. 123)

Inicialmente, o terceiro capítulo busca evidenciar as abordagens sociológicas e em seguida os documentos da Igreja Católica através das orientações da CNBB e da arquidiocese de Goiânia. Por fim, alguns autores renomados vêm de encontro com a proposta desta pesquisa abrangendo assim todo o contexto de aprendizagem e informações da mesma.

O Catecismo da igreja Católica é o fruto de uma vastíssima colaboração de anos de estudos e trabalho por parte dos Bispos e com a orientação e presidida pelo então Cardeal *Joseph Ratzinger*, atual Papa, denominado de Papa Bento XVI.

O catecismo da Igreja Católica constitui um serviço que o sucessor de Pedro quer prestar à santa Igreja Católica, a todas as Igrejas particulares em paz e em comunhão com a Sé Apostólica de Roma: o serviço de sustentar e confirmar a fé de todos os discípulos do Senhor Jesus (cf. Lc 22,21), como também de reforçar os laços da unidade na mesma fé apostólica. (CATECISMO, 2000, p.11)

Ainda conforme dados do novo testamento, o termo “Catequese” significa dar uma instrução a respeito da fé. A Catequese, de fato tem por objetivo último fazer escutar e repercutir a palavra de Deus, sua principal forma de comunicação humana é a palavra, mas há outras linguagens com que os homens podem comunicar-se, ou seja, gestos e fatos que podem constituir uma linguagem, sobretudo, Deus para comunicar com os homens adotou essas duas linguagens que se completam mutuamente, a linguagem das palavras e a dos gestos ou acontecimentos. Além da linguagem, é necessários entender outros aspectos dessa comunicação entre Deus e o homem.

3.1 - Dimensões sócio-transformadoras da catequese

Atualmente, e principalmente na primeira década do século XXI, os jovens estão ligados ao capitalismo e às coisas materiais, por isso, esquecem dos estudos e dos ensinamentos religiosos. Essa juventude vive à procura de atrativos para sua formação religiosa e a catequese tem o objetivo de levar os jovens e adultos a esse interesse na vida cristã e não no fracasso, logo, esta afirmação se traduz na frase

“muitas pessoas fracassam porque se vêem como fracassos” por Keneth e Hagin (1985, p. 25).

Já, segundo Freire, (1987, p.79), *“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”*. Ou seja, a educação é também um ato coletivo e solidário e nunca se dá isoladamente.

Neste contexto, importa ressaltar que a constituição Brasileira define como obrigatório o ensino fundamental para todas as crianças e adultos, e essa obrigatoriedade é definida pela Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1966 a Leis de Diretrizes e Bases da Educação – LDB. Logo, o ensino fundamental é a etapa da educação básica como diz:

[...] segundo prescreve a LDB, o ensino fundamental é a etapa da educação básica definida como obrigatória pela Constituição Brasileira, iniciando-se a partir de 7 anos de idade, sendo facultativa a matrícula de crianças aos 6 anos. Essa formulação concretizou o propósito dos educadores que pleiteavam, para esse nível de ensino, uma estrutura que favorecesse a organização contínua do conhecimento, dentro de um bloco articulado e organicamente construído ao longo do tempo. (BRZEZINSKI, 2008, p. 108)

A catequese, na sua essência pedagógica, tem o objetivo principal de educar na fé o cristão não apenas na sua vida inicial cristã. Contudo, faz-se necessário o aprofundamento nos princípios e ensinamento do Catecismo da Igreja Católica. A proposta do catecismo segundo a orientação do Concílio Vaticano II é que a catequese de adultos seja a catequese padrão. E os jovens como ficam? Percebo que é nesta direção que é preciso uma nova pedagogia catequética, partindo da orientação familiar, e com jovens bem motivados começando pelos catequistas que a cada dia são em número menor, sem contar os adultos que quando catequizados na vida adulta sentem maior dificuldade de assimilar e aprender os ensinamentos religiosos, principalmente as teorias, as quais se contrapõem com as práticas que vivem o ser humano.

3.2 - Novas orientações para catequese

O método de alfabetização de Paulo Freire é resultado de muitos anos de estudo e reflexões no campo da educação no Brasil e mais precisamente no Nordeste, sobretudo na educação de adultos em regiões urbanas e rurais.

No seu processo de alfabetização, o estudante é estimulado a articular sílabas, formando palavras e frases dentro do seu contexto vivencial e no seu cotidiano.

Nesse sentido, além das normas metodológicas e linguísticas, propõe também aos alfabetizandos que se apropriem da escrita e da palavra para se politizarem com uma visão de totalidade da linguagem e do mundo em que os mesmos vivem.

Com esse método, Paulo Freire estimula o educando a uma discussão de suas experiências vividas por eles mesmos, logo, os participantes desta experiência através de temas e palavras geram a realidade da maioria dos estudantes.

O método Paulo Freire está estruturado em três etapas e cinco fases, que são:

- 1) **Etapla de Investigação:** aluno e professor buscam, no universo vocabular do aluno e da sociedade onde vivem, as palavras e temas centrais de sua biografia.
- 2) **Etapla de Tematização:** aqui eles codificam e decodificam esses temas, buscando o seu significado social, tomando assim consciência do mundo vivido.
- 3) **Etapla de Problematização:** aluno e professor buscam superar uma primeira visão mágica por uma visão crítica do mundo, partindo para a transformação do contexto vivido.

As fases são:

1ª fase: Levantamento do universo vocabular dos grupos com quem se trabalhará. Essa fase se constitui num importante momento de pesquisa e conhecimento do grupo, aproximando educador e educando numa relação mais informal e, portanto mais carregada de sentimentos e emoções. É igualmente importante a anotação das palavras da linguagem dos componentes do grupo, dos seus falares típicos.

2ª fase: Escolha das palavras selecionadas do universo vocabular pesquisado. Esta escolha deverá ser feita sob os critérios:

- a) da sua riqueza fonética;
- b) das dificuldades fonéticas, numa sequência gradativa das menores para as maiores dificuldades;
- c) do teor pragmático da palavra, ou seja, na pluralidade de engajamento da palavra numa dada realidade social, cultural, política etc.

3ª fase: Criação de situações existenciais típicas do grupo com quem se vai trabalhar. São situações desafiadoras, codificadas e carregadas dos elementos que serão decodificados pelo grupo com a mediação do educador. São situações locais que, discutidas, abrem perspectivas para a análise de problemas locais, regionais e nacionais.

4ª fase: Elaboração de fichas-roteiro que auxiliem os coordenadores de debate no seu trabalho. São fichas que deverão servir como subsídios, mas sem uma prescrição rígida a seguir.

5ª fase: Elaboração de fichas para a decomposição das famílias fonéticas correspondentes aos vocábulos geradores. Esse material poderá ser confeccionado na forma de slides, ou cartazes.

Paulo Freire defende uma educação que não seja instrumento de repressão, mas um instrumento político de muita conscientização e acima de tudo uma situação de libertação para o educando.

Quando pensamos em uma educação mais dialética, reportamos ao pensamento de Paulo Freire, que traz alguns elementos essenciais como mudança num plano revolucionário na educação e na escola como instrumentos de libertação e transformação.

Freire afirma ainda:

A educação libertadora é incompatível com uma pedagogia que de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação. A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica (FREIRE, 1987, p.09).

Diante do exposto, destacamos as idéias de Paulo Freire como sendo um instrumento de uma educação transformadora, conscientizadora, que valoriza a formação humana, resgatando os valores e a esperança de mudança nas escolas Brasileiras, onde o educador e o educando são agentes de transformação num processo dialógico e humanizador, assim, o diálogo tem a base na construção do conhecimento.

O diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização. É ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se

para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se ela a si mesma num mundo que é comum; porque é comum esse mundo, buscar-se a si mesma é comunicar-se com o outro. O isolamento não personaliza porque não socializa. Intersubjetivando-se mais, mais densidade subjetiva ganha o sujeito. (FREIRE, 1987, p.16)

Ainda, de acordo com a visão de Paulo Freire, não houve nenhuma influência do seu método Pedagógico em relação ao oprimido e muito menos do método da Pedagogia da autonomia apesar de que este método visa uma educação mais dialética, assim sendo não se pode afirmar que o método deste autor influencie o método catequético adotado pela Arquidiocese de Goiânia.

A formação de catequista na Arquidiocese de Goiânia, mesmo aplicando a metodologia instruída e orientada pelo catecismo da Igreja Católica, fica bem próxima da pedagogia de Paulo Freire uma vez que a formação da pessoa humana é um referencial para a formação do saber da fé e da evangelização.

3.3 – Nova Evangelização como fonte de Vida, Paz e Esperança

A Comissão Nacional de Pastoral Familiar, através da publicação denominada de “A Evangelização da Família Rumo ao Novo Milênio” publicada em 1996, já com a previsão para novo milênio o qual já estamos convivendo com as previsões feitas naquele ano, relata a nova evangelização, como sentido de valorizar a vida em família através de fortalecimento dos ensinamentos religiosos bem como na catequese renovada. A expressão “Nova Evangelização” aparece pela vez primeira no magistério pontifício por ocasião da visita apostólica de João Paulo II à América Central e ao Haiti.

Logo, ele falou com os membros do Conselho Episcopal Latino-Americano - CELAM, o Santo Padre referiu-se, de passo, à celebração dos 500 anos do início da evangelização da América Latina. Acrescentou, a seguir, que a verdadeira celebração só iria acontecer na medida em que toda a Igreja do continente, bispos, sacerdotes, religiosos e leigos se comprometessem, de fato, com a tarefa da “Nova Evangelização”, ou seja, de uma evangelização, nova em seu ardor, nova em seus métodos, nova em sua expressão. (Comissão Nacional de Pastoral Familiar - CNPF, 1996, p. 13).

O sentido da expressão Nova Evangelização, deu origem à resposta da Igreja Latino-americana ao desafio do Papa na IV Conferência Geral do Episcopado

Latino-Americano, reunida na capital da República Dominicana, em 1992. Ademais, o documento de Santo Domingo afirma que a Nova Evangelização funcionou como elenco englobante, ou idéia central como objetivo de iluminar o grande evento eclesial, procurando compreender a verdadeira dimensão da promoção humana e simultaneamente, enfocar o diálogo do Evangelho com as culturas, com o fito de purificá-las, aperfeiçoando a partir de dentro com a força da Palavra de Deus, até chegar a uma cultura cristã.

Os métodos e critérios abordados pela pedagogia é inspirador para a formação dos catequistas, foi preciso observar e conduzir com muita dinâmica essa metodologia pedagógica no sentido de viabilizar crescente entendimento dos catequistas formadores de opinião na sociedade católica.

Tais métodos tratam, antes de tudo, de formar os catequistas com direção às necessidades de sua comunidade evangelizada ou pertencente à essa evangelização cristã. Portanto, podem-se verificar as orientações com as dimensões da formação, da maturidade humana, da formação bíblico-teológica do catequista, das ciências humanas na formação do catequista e da formação pedagógica.

Assim sendo, o DGPC 2002 traz sua orientação como critérios inspiradores da formação a essa evangelização como formação para os catequistas, conforme citação abaixo:

Trata-se, antes de qualquer coisa, de formar catequistas para as necessidades evangelizadoras deste momento histórico, com os seus valores, com os seus desafios e os seus pontos obscuros. Para fazer frente a esta tarefa, são necessários catequistas dotados de uma profunda Fé. [...] Na formação, ter-se-á presente também o conceito de catequese que a Igreja hoje apresenta. Trata-se de formar catequistas para que sejam capazes de transmitir não apenas um ensinamento, mas também uma formação cristã integral, desenvolvendo tarefas de iniciação, de educação e de ensinamento. [...] O momento catequético que a Igreja vive é um convite a preparar catequistas capazes de superar “tendências unilaterais divergentes” e de oferecer uma catequese plena e completa. [...] A formação dos catequistas leigos não pode ignorar o caráter próprio do leigo na Igreja e não deve ser concebida como mera síntese da formação recebida pelos religiosos e sacerdotes. [...] A pedagogia utilizada nesta formação tem, enfim, uma importância fundante. Como critério geral, é preciso sublinhar a necessidade da coerência entre a pedagogia global da formação catequética e a pedagogia própria de um processo catequético. (DGPC, 2009, p.238).

3.4 - Centralidade da Bíblia

A Bíblia novamente assume a centralidade, ou seja, um texto por excelência na educação cristã. Tanto em âmbito nacional como em âmbito regional, no que tange a regional metropolitana de Goiânia, o agente catequista deve então inspirar-se na pedagogia divina, isto é, com base na forma com que Deus educa seu povo, valorizando-o na dimensão histórica da revelação.

Aliás, nada mais é do que levar em conta os desafios atuais, através de dados levantados junto aos livros de registros nas secretarias da Arquidiocese de Goiânia, onde será mensurada a formação dos catequistas, seu perfil, e sua dimensão pessoal, teológica, espiritual e pedagógica.

Nesta vertente, a catequese buscou sempre se firmar nos ensinamentos bíblicos e nas diversidades dos métodos para fazer dessa catequese um desenvolvimento intelectual dos cristãos com a finalidade de alcançar a educação para a fé cristã.

Assim, a variedade desses métodos constitui importantes canais para o conhecimento e, por conseguinte, constituem a educação da fé, mesmo que teologicamente, sem considerar o conhecimento sociológico mais abrangente no contexto da religião cristã, por acreditar na palavra levada através do evangelho aos cristãos.

Os evangelhos escritos são a expressão de um ensinamento oral, sendo transmitidos à comunidade cristã, que se refletem para mais ou para menos uma estrutura catequética, conforme os apóstolos ensinaram.

Os apóstolos não tardaram em fazer com que outros compartilhassem do seu ministério apostólico. Assim, eles transmitem aos seus sucessores o *múnus*³ de ensinar. Confiam igualmente esse *múnus* aos diáconos, desde a instituição destes: Estevão, “cheio de graça e de fortaleza”, não cessa de ensinar, movido pela sabedoria do Espírito. Depois, os apóstolos associaram a si “muitos outros” discípulos ao *múnus* de ensinar; e mesmo simples cristãos dispersos pela perseguição, andavam de terra em terra anunciando a palavra da boa nova. São Paulo é arauto por excelência de tal anúncio, de Antioquia até Roma. (PAULINAS, 2006, p. 16)

³ **Múnus** – Significa; encargo, emprego, ofício, Funções que um indivíduo tem de exercer.

3.4.1 – A Bíblia do Cristianismo ao Catolicismo

Os seres humanos, como os animais, sentem-se como produto do ambiente em que vivem, aliás, ambiente este que é natural para sua sobrevivência.

Como a natureza, o ser humano vive e sobrevive evoluindo sua espécie, sem a comparação com esta, vive explorando-a e se evolui sistematicamente.

Na religião não é diferente, limitou-se às exigências imediatas de sobrevivência, e, em se comparando o homem pré-histórico, com o homem de hoje em dia, os mesmos tem grandes diferenças pela sua própria evolução.

Sua existência pode ser percebida desde o período paleolítico que vai de 100.000 a 30.000 anos atrás, ou seja, até a idade do ferro, e posteriormente de 1.500 a 500 anos a.C logo, sua religião é simplória e primária, limitando-se à crença em um ser superior, transcendente e criador, algumas vezes como uma explicação ainda rudimentar sobre a existência do mal, do sofrimento e da morte. (DCER, 2007, p.28)

Como religião oficial do povo de Israel, o Judaísmo esperava um Messias⁴ que libertasse o povo, o próprio Filho de Deus. A partir de suas práticas pastorais, Jesus Cristo o Nazareno é tido para os judeus como um profeta e não um Deus, e para os cristãos é considerado como um salvador do mundo. As fontes históricas sobre a existência de Jesus Cristo são comprovadas pelos escritos através de seus discípulos relacionados e descritos na Bíblia Sagrada, denominados de Mateus, Marcos, Lucas e João, intitulados na Bíblia como os quatro evangelistas, que narram à vida de Jesus e seus principais aspectos.

Cada evangelho tem suas características particulares, pois narram suas experiências dentro de suas comunidades, através da vivência dos apóstolos, como testemunho de vida.

Os evangelhos e as cartas apostólicas foram escritos e redigidos por volta dos anos 70 a 100 d.C., com o último livro do Novo Testamento, o Apocalipse, que significa a Revelação de Deus para toda a humanidade.

O catolicismo como Igreja dos cristãos inicialmente destacava-se pela fraternidade e pela partilha. Os cristãos, por diversos motivos, são martirizados e, mesmo assim, aumenta o número de adeptos. Surgem grandes heresias e, em

⁴ **Messias** - O redentor prometido no Antigo Testamento; (fig.) reformador social; pessoa esperada com ansiedade. Esperando pelo –, Fundar-se em vãs esperanças; esperar coisa pouco provável.

resposta, começam a se constituir os dogmas da Igreja, como os da Santíssima Trindade, vestem na Igreja Católica como pilar para a fé dos cristãos Católicos, um só Deus em três pessoas, a crença em Jesus Cristo como ser Divino.

Segundo a doutrina católica, “catolicismo” significa “universal”, e é a igreja dos apóstolos, centrada no sucessor de Pedro. Não é uma religião só da Bíblia, mas da Bíblia e da tradição. A Igreja Católica cresceu, adaptou-se a tempos, lugares e culturas, tornando-se uma construção de partes diferenciadas, mas um conjunto bastante harmonioso.

No fim do século II, a hierarquia já está fixada nas comunidades cristãs, bispo, padres e diáconos, acólitos, leitores, exorcistas e porteiros. Os sucessores do bispo em Roma tornam-se Papas por tradição apostólica da Igreja Católica Romana.

3.5 - O cristianismo no Brasil

De acordo com o DCER, pode-se sintetizar o catolicismo no Brasil, nas seguintes fases:

- a) **Momento inicial (1500-1759)** - decorreu sob o signo da catequese, pois os portugueses que aportaram à Terra de Santa Cruz mantinham fidelidade à Igreja católica. Jesuítas e Franciscanos foram os primeiros missionários que vieram lançar a base da religião dos novos povos. A base da formação histórica do Brasil foi, portanto, a unidade religiosa, de base católica. Os cultos primitivos dos indígenas e dos negros foram absorvidos e elevados à fé cristã. O catolicismo dominou totalmente sobre as crenças indígenas e africanas no Brasil. Na educação, os jesuítas ficaram com as classes superiores durante dois séculos e os franciscanos e capuchinhos com apostolado do povo em geral. No Brasil, o catolicismo era a religião oficial, continuando o que ocorria em Portugal. Em 1532 foi criada a primeira paróquia de São Vicente, mas foi a cidade de Salvador que foi transformada em primeiro bispado e seu bispo, D. Pero Fernandes Sardinha (1536), foi o primeiro martirizado pelos índios. A unidade colonial brasileira é dominada pelo bandeirante, pelo colono e pelo padre e a este se deve, de modo especial, a unidade católica na formação católica do país.

b) **Momento Central (1759-1873)** - com a expulsão dos jesuítas (1759) aconteceu também a decadência religiosa. A religião sofre o impacto das correntes ideológicas do séc. XVIII e o da reivindicação pelos estado imperial dos seus direitos sobre a Igreja. Daí a substituição da unidade religiosa tradicional por um convencionalismo religioso vago e confuso, que não era católico nem protestante.

c) **Dissociação religiosa** – entre o povo e as chamadas elites culturais. A sociedade se dividia em duas camadas – a casa grande e a senzala, na terminologia de Gilberto Freire. À medida que se processava a discriminação das elites, crescia o preconceito de que religião – o catolicismo – era uma atividade apenas para mulheres e crianças.

d) **Perseguição religiosa** – aconteceu principalmente contra as ordens religiosas, proibindo-se a manutenção de seminários. Tudo isso levou à chamada questão religiosa entre a Igreja e o Império, que culminou com a condenação de dois bispos a quatro anos de trabalhos forçados.

e) **Momento Moderno** – a partir de 1873, foi caracterizado por um movimento de conversões, na alta esfera cultural, por uma gradativa dependência da Igreja ao Estado, pelo desenvolvimento considerável dos bispados e das organizações do apostolado leigo.

f) **Momento contemporâneo** – Após o Concílio Vaticano II (1961-1965), os Bispos da América Latina se reuniram em Medellín (1968) e estabelecem as diretrizes da Teologia da Libertação, fazendo opção preferencial pelos pobres, pretendendo ser um resgate das origens do cristianismo primitivo, visando o ser humano integral. Cresce o protestantismo, principalmente os de denominações pentecostais. O Brasil não é mais uma nação católica, com várias denominações de igrejas cristãs. (DCER, 2007, p. 42-4)

No Brasil, as primeiras capelas protestantes estavam situadas no Rio de Janeiro e atendiam somente aos imigrantes. Os luteranos, como imigrantes, vieram para o sul do país, por volta de 1824.

Hoje no Brasil, podem-se identificar pelo menos seis grupos de igrejas protestantes ou evangélicas tais como:

- **Protestantismo de Missão:** Batistas, Congregacionais, Episcopais, Metodistas e presbiterianos;
- **Protestantismo de Imigração:** Anglicanos, luteranos e Reformados;

- **Pentecostalismo Clássico:** Assembléia de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Evangelho Quadrangular, Igreja de Deus e Igreja Pentecostal;
- **Pentecostalismo autônomo:** Casa da Bênção, Deus é Amor, Maranata, Nova Vida, O Brasil para Cristo, Universal do Reino de Deus, e outras;
- **Carismáticas:** Batista de Renovação, Cristã Presbiteriana, Metodistas Wesleyanos, outras, e;
- **Pseudo-Protestantes:** Adventistas, Mórmons (Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias), Ciência Cristã e Testemunhas de Jeová.

3.6 - A formação e a missão do catequista nas igrejas de Goiânia

A relação da mensagem cristã com a experiência humana não é uma simples questão metodológica, mas sim, normas e critérios apresentados e adotados nas escolas catequéticas na arquidiocese de Goiânia, obedecendo à apresentação do conteúdo da catequese, devem estar presentes e ser atuantes nos diversos tipos, ou seja, tanto na catequese bíblica quanto na litúrgica.

Destes critérios e normas, todavia, não se pode deduzir a ordem que se deve observar na exposição dos conteúdos. De fato, “é possível que a situação presente da catequese ou razões de método ou de pedagogia aconselhe o predispor a comunicação das riquezas do conteúdo da catequese de uma determinada maneira em vez de outra” pode-se partir de Deus para chegar a Cristo e vice-versa, da mesma maneira pode-se partir do homem para chegar a Deus, e inversamente. A adoção de uma ordem determinada na apresentação da mensagem é condicionada pelas circunstâncias e pela situação de fé de quem recebe a catequese. (DGPC, 2009, p.130).

Uma consideração especial entre a relação do ensino religioso na escola e a catequese é uma relação de distinção e de junção pedagógica. No âmbito do ministério da Palavra há um caráter próprio do ensino religioso na escola e a sua relação com a catequese renovada.

É necessário, porém, que o ensino religioso escolar adentre e se integre como uma disciplina no sistema escolar, com a mesma exigência do sistema normal de avaliação do ensino normal, com rigor, técnicas e responsabilidade, e não somente no faz de conta. É preciso apresentar a mensagem de Cristo na mesma concepção das demais disciplinas no processo. Com essas exigências, o

ensino religioso escolar não se situa como algo acessório, mas sim no âmbito de um essencial diálogo interdisciplinar.

Nota-se que o ensino religioso escolar, mediante esse dialogo interdisciplinar, funda, potencia, desenvolve e completa a ação educadora da escola e também na igreja católica.

Também a igreja católica fundamenta sua catequese nos fundamentos teológicos e pastorais, para formar os catequistas para uma igreja renovada e comprometida com a causa humana. A compreensão da igreja está ligada à compreensão de Jesus Cristo, de sua pessoa e missão. O catequista deve ser fiel a três elementos que se completam e que não podem ser separados: Jesus Cristo, o homem, e a Igreja.

E, de acordo com Saviani (1991),

A pedagogia, histórico-crítica “procurava reter o caráter crítico de articulação com as condicionantes sócias que a visão reprodutivista possui, vinculado, porém à dimensão histórica que o reprodutivismo perde de vista”. (SAVIANI, 1991, p.75)

Seguindo as orientações do doc. nº. 26 da CNBB, a igreja de Goiânia tem grande preocupação com a catequese, visto que por orientação do próprio Papa João Paulo II no ato de sua visita ao Brasil e a Goiânia, deixou bem claro sua preocupação, contudo, é admirável sua alegria em ver a catequese no Brasil e em especial em Goiânia como prioridade e urgência na atividade no processo de evangelização.

Assim, a Igreja em Goiânia traçou metas em cumprimento ao Doc. 26 da CNBB, que traz como referência para a catequese a formação orientada pelo próprio documento para a missão evangelizadora do catequista.

Assim, afirma o art. 144 do Doc. nº 26 da CNBB,

A tarefa da Catequese é confiada, em primeiro lugar, a toda a comunidade eclesial, que, com toda a sua vida, contribui para a educação de seus membros na Fé. O Bispo, e com ele os presbíteros e diáconos, sacramentalmente constituídos ministros do Cristo-Mestre, são os primeiros responsáveis pela catequese. A comunidade não dispensa a figura do catequista; ao contrário: em função do papel da comunidade na Catequese, e também devido às transformações sociais e culturais do nosso tempo, estamos descobrindo um novo tipo de catequista: alguém que, integrado na comunidade, conhece

bem sua história e suas aspirações e sabe animar e coordenar a participação de todos. (CNBB, doc. nº. 26, 2009, p.55).

Todavia, um catequista deve ser um bom comunicador, ter vocação, pois desperta e provoca a palavra dos membros da comunidade onde participa, dedicando-se ao serviço da palavra de Deus, tornando-se um evangelista e repassador de sua experiência cristã.

O catequista deve ser o elo, o porta voz da igreja na comunidade, lendo e ensinando os ensinamentos da fé cristã, considerando como fator principal a Igreja em que participa.

Aliás, a pedagogia aplicada deve obedecer ao critério de formação e não somente à vocação, sendo importantes as escolas catequéticas no exercício do magistério. Pois, a formação de catequista pela orientação do Doc. 26 da CNBB, deve ter o cuidado de não somente desenvolver a capacitação didática e técnica do catequista, mas também e principalmente sua vivência pessoal e comunitária da Fé e seu compromisso com a transformação do mundo atuando sempre com o testemunho de vida do próprio.

A Arquidiocese de Goiânia, com a preocupação de atender aos princípios da formação catequética, vem formando catequista com o perfil desejado pela Igreja Geral e pelos documentos orientadores da catequese.

3.7 - Dados documentais e bibliográficos, subsídio catequético na Arquidiocese de Goiânia pós-promulgação do catecismo da igreja católica (1992)

Fazendo a relação do papel pedagógico da Igreja com as contribuições de Paulo Freire, é possível compreender que, conforme a obra pedagogia da autonomia desse educador constata-se diversas inovações e mesmo algo que já existe, porém com uma visão mais perceptiva. Atualmente, a igreja tem conseguido mostrar com uma capacidade inata como estabelecer relações recíprocas entre o professor e o aluno.

Segundo Paulo Freire, (1996, p. 21), "[...] somos seres condicionados, mas não determinados", que "a história é tempo de possibilidades e não de determinismo", em meio a isso, devemos acreditar na história, para que permaneça

o sonho, permaneça a utopia, a necessidade de valores constantes, e, não deixar essa história acabar, pois isso faria com que se acabassem também os sonhos, a utopia.

Assim, para buscarmos a evolução do homem, é condição *sine qua non*, promover-se-ia um mundo fundado na prática educativo-crítica ou progressista, e, segundo Paulo Freire, (1996, p. 88), seria a prática ideal, estar sempre em busca da democracia, por uma sociedade solidária e igualitária, onde não existe ninguém melhor que ninguém, ver que, "[...] mudar é difícil, mas é possível, [...]".

Cabe assim, à igreja, apresentar a necessidade de mudanças lutando contra qualquer tipo de desigualdade, de preconceito que, conforme Freire está fundado na educação, ademais, não deixa de ser também o papel da igreja.

Neste contexto, entende-se que a igreja tem uma parcela de compromisso, uma vez que as mudanças, sendo assumidas apenas por um segmento social, possivelmente o resultado não seja tão satisfatório.

Em relação à educação, esta, deve servir de intervenção no mundo e para o mundo, sendo assim, o papel pedagógico da igreja está contribuindo para a transformação política do cidadão.

Denomina-se de acordo com Paulo Freire, que, a educação é política, e se a igreja tem esta responsabilidade educativa, também tem seu cunho político. Freire mostra em palavras nítidas que o mundo não é totalmente submisso e político, ele está sendo, está se transformando, mas necessita da nossa compreensão para que essa mudança se torne possível.

Algo que se evidencia muito nas contribuições de Paulo Freire, diz, "[...] quem forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado" (1996, p. 25).

No conteúdo explicitado no parágrafo anterior, existe algo a ser debatido que se resume em uma frase, ou seja, algo que demoraria muito e muito para ser explicado com tanta audácia e sabedoria. Fica evidente que, nós, professores não formamos cidadãos pelo simples fato de formar, somos também, enquanto educadores, formados e contemplados com nossos alunos, dessa forma devem entender que ensinar não é algo simples e nem algo que não exija dedicação e respeito somente, o professor não é simplesmente um servidor do estado, do município, ou até mesmo particular, mas sim, uma pessoa que possui um compromisso com o aluno, e, assim com ele mesmo.

Aliás, o professor não deve ser julgado como objeto intermediário entre o conhecimento e o serviço, mas sim, transformador, criador de possibilidades para a sua própria produção e autoconhecimento.

Para tanto, quem tem o papel de educar, precisa estar sempre vigilante a aspectos comuns, os quais podem transformar em recursos para a vida das pessoas que estão em busca de nossos conhecimentos, sabendo respeitar este cidadão, os conhecimentos que possui e se ocupar disso, dessa vivência para contribuir para o desenvolvimento humano, enfatizando o seu dia a dia, o seu cotidiano permanente, despertar nele com isso a crítica, a inquietude, dar liberdade para a curiosidade e instigá-la com frequência.

Assim, Paulo Freire cita *François Jacob* em sua célebre frase, "seres programados, mas para aprender" (FREIRE, 1996, p.27), onde, seremos mais felizes e permanecemos acreditando em utopia, em sonho, enfim, em história pela própria história.

Por tudo isso, a igreja não deixa de ser um espaço que alimenta os sonhos e mostra-nos sua importância no processo pedagógico bem como humanístico de inter relação das pessoas como citado por Mendonça (2008).

A Importância que tem o pensamento teológico na construção da pedagogia de Paulo Freire é fundamental para que se entenda o sentido de sua visão libertadora e humanista em relação aos seres humanos. Muito dessa influencia se deve à própria história de vida de Freire e de militância em movimentos ligados à igreja católica e, posteriormente, à sua atuação profissional vinculada à Igreja. Contudo, a influência do catolicismo francês, inspirado pelo "maritainismo" e pelas idéias de Mounier, durante as décadas de 1950 e 1960, no Brasil, asseverou a sua convicção cristã politicamente engajada e socialmente comprometida com as atividades comunitárias em defesa de uma vida de permanente libertação humana. (MENDONÇA, 2008, p.30)

A igreja vem, há muito, trabalhando no sentido de formar seus catequistas, através de publicações de materiais de orientações. Com a publicação do Catecismo, esse trabalho tornou-se muito mais acentuado.

Nas igrejas particulares é visível encontrar linhas orientadoras para a catequese. No Documento "Estudos da CNBB, nº. 59" encontramos grande subsídio para a formação dos catequistas nas Igrejas Particulares e principalmente na Arquidiocese de Goiânia, neste sentido evidenciaremos a missão da igreja,

como povo de Deus, que é de enviar o evangelho aos povos, assim, a catequese se coloca no papel de evangelizadora e no seu organograma existe a figura do Ministério da Catequese e com o objetivo aplicar sua missão evangelizadora. Assim sendo, traz as orientações nos critérios pastorais.

3.7.1 – Linhas orientadoras para a formação de catequistas

A formação de catequistas na arquidiocese de Goiânia, como já tratado nesta pesquisa, perpassa pela orientação aos seus catequistas agregando valores para uma boa formação dos leigos, bem como seus líderes, sacerdotes, diáconos e bispos, no sentido de aperfeiçoar as doutrinas, sem mesmo se deixar influenciar pelo lado de benefícios próprios partidários ou qualquer ideologia, e é neste momento que a igreja não se deixa influenciar por nenhuma pedagogia de formação em nível de licenciatura e sim por uma pedagogia teológica voltada aos costumes e orientações tradicionais.

Nesta conjuntura de orientações, evidencia-se através dos documentos e de seu principal instrumento, o Catecismo, mesmo que regional, sendo possível levar o conhecimento respeitando os costumes e culturas da sociedade local com uma catequese inculturada, isso também, se faz presente dentro da Arquidiocese de Goiânia, visto que não se altera os costumes e a formação tanto em âmbito literal, porém trata-se de um campo voltado para a pedagogia teológica.

A Igreja anuncia, em primeiro lugar, a palavra de Deus a seus próprios membros, a fim de formar a comunidade eclesial. Toda a comunidade é catequizadora. Isto quer dizer que é tarefa e missão da comunidade eclesial cuidar da formação cristã dos seus membros. É a comunidade que dá origem ao processo catequético. É dentro da própria comunidade que esse processo se desenvolve. (ESTUDOS DA CNBB, Nº 59, p.14)

Ademais, há uma preocupação da igreja com a catequese no sentido da formação dos catequistas, preocupação esta que é passada aos educadores e formadores de catequistas conforme escrito nos “Cadernos Catequéticos nº. 4 da coleção estudos da CNB Nº 59”.

O lugar natural é o grupo de catequistas. Isso não dispensa as Escolas, os cursos, as Semanas de Estudos Etc. As Escolas e os

institutos de Catequese podem oferecer uma formação mais organizada, sistemática e aprimorada. Há três níveis de escolas de catequese: 1. Há “escolas de base”, para formação e reciclagem de “catequistas de base”. Estas Escolas devem oferecer um instrumento de qualificação pastoral-catequética aos catequistas através do estudo, da espiritualidade e da troca de experiência. É importante promover a arte da comunicação, o exercício da organização, do planejamento e da avaliação da missão, bem como motivar o testemunho cristão dos catequistas, como grande compromisso sempre coerente com a mensagem anunciada. A organização e a programação dessas escolas são tarefas de uma equipe coordenadora; 2. Escolas de nível médio, para coordenadores e animadores; 3. Escolas de especialização ou de nível superior, para formação de agentes, professores e formadores de catequistas e pesquisadores. (CADERNO CATEQUÉTICO, 2008, p.25)

As principais linhas orientadoras que servem de base pilar para a formação de catequistas são:

- a) **A Escola da Família** – A família é lugar privilegiado da experiência de vida fraterna e humana. A convivência, a amizade fraterna e leal, a confiança nos pais criam certamente possibilidades para crer num Deus-Amor. A união, a espiritualidade, a afeição dos pais fecundam e abrem o coração para os caminhos da Fé. A família é o lugar próprio para o despertar de vocações e ministérios. A formação recebida em casa tem influência forte na vida adulta.
- b) **A escola da vida** – É a própria vida, a inserção no meio do povo e as experiências do dia a dia que vão formando o catequista. Cada um será melhor catequista à medida que conhecer e for sensível à vida, aos sofrimentos e às lutas do povo. Tal experiência evita que o catequista se torne educador de fé acadêmica, intelectual e fora da história do seu povo. É aí que se adquirem condições básicas para uma catequese que integra fé e vida. O seu grande inspirador é Jesus, que se inseriu radicalmente na vida e nos pequenos, encheu-os de compaixão e de sentimentos de humanidade.
- c) **A escola da Comunidade** – A participação da comunidade eclesial é indispensável para a formação como catequista. Sem a comunidade, a atuação catequética fica sem raiz. A catequese se nutre da experiência, da vida da comunidade.
- d) **A catequese silenciosa** – Na comunidade e na família, as festas, as novenas, os tríduos, as orações simples e decoradas, tradicionalmente transmitidos pelos pais e avós, são catecismo vivo. O terço que passa diariamente entre os dedos do povo alimenta a Fé católica. Há devoções a santos e rezas que não constam nos livros litúrgicos ou nos folhetos dominicais, mas auxiliam no aprofundamento da Fé. (ESTUDOS DA CNBB, Nº 59, p.25-26)

A igreja, preocupada com a formação de catequistas, sabe que não basta o catequista ter boa vontade ou viver em comunidade para ser catequista, diz o

documento 59 da CNBB (2006), que ninguém nasce catequista, mas são chamados ou se comprometem a serem, daí, precisam de formação para se tornarem bons testemunhas e comprometidos com a educação e formação para a fé cristã.

Sobremodo, a Igreja se vê na obrigação de dar a formação não puramente técnico-metodológica, mas de testemunhos na esperança de levar o evangelho as pessoas de Deus.

Logo, evita-se qualquer tipo de individualização na formação de catequistas, a igreja orienta a formação em grupos e a catequese com uma dimensão comunitária e transformadora da sociedade evangelizadora. Além disso, o documento nº 59 da CNBB também direciona para a formação permanente do catequista e uma das características, é a dimensão permanente ou contínua, visto que, todos, desde os religiosos, padres, leigos, são considerados alunos.

A questão é que, mantidos os atuais padrões de evangelização, o quadro catequético insere-se neste cenário desde os tempos de Papado de João Paulo II, pois, a catequese foi centro das atenções para as missões da igreja, como formadora de indivíduos leigos a cumprir a tarefa de evangelizar e, por conseguinte, o crescimento da esperança e fé cristã.

Também é orientação que a catequese atue em grupo de catequistas e não isoladamente. Nos grupos é que se vive plenamente sua formação e se anima para a fé. É através destes grupos, que se inicia uma pequena comunidade e, por conseguinte, as comunidades vão se tornando a igreja em Cristo.

CONCLUSÃO

Na pesquisa realizada através de leitura e análise do material bibliográfico, buscou-se a identificação de conteúdos com abordagens e conceitos científicos na área das Ciências da Religião, somados às disciplinas afins com a experiência e evidências realizadas, portanto, denotam-se serem várias as metas a cumprir referentes à catequização dos indivíduos a serviço da igreja católica, pois a catequese é o eixo central ou veículo de convencimento da proposta cristã.

Contudo, fez-se indispensável também, a explanação dos fatos e levantamento de dados da Arquidiocese de Goiânia e dos bispos que a compõem, pois propiciou uma chave interpretativa para algumas continuidades e descontinuidades no caminhar catequético de 1992 ao ano de 2009, considerado ano Catequético Nacional.

Como eixo central na caminhada catequética, a evolução sistemática das orientações, passou por transformações durante todo período estudado, e principalmente do início do cristianismo até o período delimitado para esta pesquisa.

Em seguida, evidenciou-se a existência de vários tipos de estratégias adotadas pelo Concílio Vaticano II e pelas Conferências do Episcopado Latino-Americano que, através de documentos publicados pela Igreja no Brasil, particularmente na Catequese renovada, evidenciaram que os objetivos da mesma fossem alcançados, podendo desde 1983, caminhar a passos intensos. Do mesmo modo, deve-se conscientizar que a formação do catequista, não se deve desencantar da realidade atual como foi explanado desde os primeiros capítulos desta dissertação.

Tal paradigma também pode enunciar outro aspecto que está contido numa resposta às dissidências provindas da própria configuração sociocultural, ou seja, não somente tendo como público alvo crianças, mas adultos na sua maioria.

Um dos objetivos do Diretório Nacional de Catequese, aprovado pelos bispos do Brasil em 2005 é aumentar o número de catequistas não individualistas, e principalmente valorizar a abordagem catecumenal que diz respeito à questão dos adultos na catequese, isto pelo fato de que a pedagogia de tal proposta era de cunho libertário, buscando beber no carisma da própria oferta de sentido religiosa

cristã: Jesus Cristo ressuscitado, e propositalmente de se manterem unidos, garantindo o sucesso e dando continuidade na vida religiosa, ou seja, controlando o ciclo de imigração na busca de novas oportunidades aos catequistas e também catequizandos.

Portanto, faz-se necessário o entendimento da catequese tornando-se essencial para a continuidade e desenvolvimento eclesial, pois através da utilização dessa ferramenta é possível analisar deficiências e falhas educativas, e propor alternativas para melhoras dos resultados.

Logo, de acordo com as fontes documentais, que sustentam ao menos teoricamente as diretrizes pedagógicas da linha catequética proposta para o seguimento na formação dos catequistas, pretendeu-se durante o período pesquisado, demonstrar a necessidade de estruturação da catequese por ser um elo entre a criança, o adulto, a sociedade e a igreja, não devendo se transformar somente em veículo de embasamento educacional, e sim em um grande instrumento de apoio e complemento para a educação básica e superior dentro da igreja e não sendo diferente, dentro da Arquidiocese de Goiânia.

Atualmente, as igrejas atendem a uma demanda maior de religiosos e leigos, o que prova que a aplicação das bases é a melhor escolha para a realização dos objetivos idealizados pela mesma, e isso acontece através da utilização de um trabalho bem elaborado.

Assim, para a construção de uma catequese, é indispensável que haja uma proposta incluída das pessoas numa questão de justiça e solidariedade, isso para que não sobrecarreguem e não confundam sua parcela de contribuição, também para que não haja contradições na prática catequética para atender os grupos de formação onde estes necessitam de acolhimento dentro do mundo religioso.

Logo, quando se entra neste acolhimento catequético, significa que sair da catequese, cujas cercas guardam as cicatrizes da reação e da edificação da catequese renovadora, evangelizadora promotora do saber para amar, do sentir para fazer seguir, o compreender para vir a ser e ter vida para viver junto com a diversidade dos dons, é difícil aos catequistas e catequizandos, mesmo porque harmoniosamente vivem em um cunho libertário na íntegra.

A conclusão a que se chegou nessa dissertação, não foi somente para cumprir as determinações metodológicas do curso, pois não se pode dar por

concluída tamanha controvérsia, ou dispor um ponto final em algo que apenas iniciou, sem dúvidas a pesquisa prosseguirá, conduzindo a valiosas contribuições.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Tradução Monges de Maredsous. 25. Ed. São Paulo: Ave-Maria, 2000.

BRZEZINSKI, Iria (Org.). *LDB dez anos depois, reinterpretação sob diversos olhares*. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

CADERNOS CATEQUÉTICOS. *Formação contínua dos Catequistas*. São Paulo: Ed. Paulus, 2008.

CARON, Lurdes (org.) & Equipe do GRERE. *O Ensino Religioso na Nova LDB: históricos, exigências, documentário*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CATÃO, Francisco A. C. *O Catecismo da Igreja Católica e a catequese no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1994.

CNBB - *CATECISMO da Igreja Católica*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

CNBB. *Catequese, caminho para o discipulado*. Ano Catequético Nacional. São Paulo: Paulus, 2009.

CNBB - *COMPÊNDIO do catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

CNBB – *Estudos da CNBB nº 59 a formação de catequistas*. 9ª edição. São Paulo: Paulus, 2006.

CNBB - *Diretório Nacional de Catequese*. Brasília: Ed. CNBB, 2009

CNBB, *Diretório Nacional de Catequese: instrumento de trabalho I*. Versão provisória. Brasília: Centro de Pastoral popular, 2004.

CNPF – *A Evangelização da Família Rumo ao Novo Milênio*. Edição CNPF, 1996

CRUZ, Dom Washington. *Carta pastoral: Ensinaí a todos os povos*. Série pastoral nº 4, Arquidiocese de Goiânia, 2005.

DCER/GO – *Diretrizes Curriculares para o Ensino Religioso no Estado de Goiás*, Secretaria de Educação e cultura do Estado de Goiás. 2ª ed. 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa*. 41ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONÇALVES, Sergio Lopes e BOMBONATTO, Vera Ivanise. (Orgs). *Concílio Vaticano II - Análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

HAGIN, E. Kenneth. *O Extraordinário Crescimento da Fé*. Tradução Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1985.

LIMA, Luiz Alves de. *Gênese e desenvolvimento do Diretório Nacional de Catequese*. Revista de catequese, São Paulo, 2006.

LIMA, Luiz Alves de. *Novos paradigmas para a Catequese no Brasil*. Revista de catequese, São Paulo, 2006.

MENDONÇA, Nelinho Azevedo de. *Pedagogia da Humanização. A Pedagogia Humanista de Paulo Freire*. Paulus, 2008.

PAULINAS. *A Catequese Hoje, Exortação Apostólica Catechesi Tradendae João Paulo II*. Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo 15ª edição 2006

PASSOS, Mauro. (Org.). *Uma História no Plural 500 anos do movimento catequético Brasileiro*. Petrópolis - RJ. Ed. Vozes 1999.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Como fazer trabalhos acadêmicos*. Oikos; Goiânia: UCG 2008.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico crítica: Primeiras aproximações*. 2. ed. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1991

SILVA, Ronaldo Manoel da. *O Profeta de Bengala, Ações Proféticas de Dom Antonio Ribeiro de Oliveira, Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de Goiânia (1986-2002)*. Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia. 2007

SILVA, Valmor da. *Ensino religioso educação centrada na vida*. 2ª ed. Paulus. 2008

WEBER, Max. *A Ética Protestante o Espírito do Capitalismo*. 12 ed. Trad. M. Irene de Q. F. São Paulo. 2004

Internet

<http://blig.ig.com.br/catequeseacomadultospnsr/2010/03/19/com-adultos-catequese-adulta/> (consulta realizada em 25/05/10)

<http://www.portalcatico.org.br> (Consulta realizada em 28/06/10)

<http://www.paroquiabomjesus.org> (Consulta realizada em 31/07/10)

<http://www2.ucg.br/idf/php/texto.php?id=3> (Consulta realizada em 30/10/10)

<http://www.dicionarioweb.com.br/homilia.html> (Consulta realizada em 03/01/11)